

Poemas brasileiros sobre trabalhadores

uma antologia de domínio público

Organizadores

Antônio Augusto Moreira de Faria

Rosalvo Gonçalves Pinto



Organizadores

Antônio Augusto Moreira de Faria
Rosalvo Gonçalves Pinto

Poemas brasileiros sobre trabalhadores
uma antologia de domínio público

v
v v
v v
viva voz

FALE/UFMG
Belo Horizonte
2011

Sumário

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis
Elisa Amorim Vieira
Fábio Bonfim Duarte
Lucia Castello Branco
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Sônia Queiroz

Organizadores desta antologia

Antônio Augusto Moreira de Faria, Rosalvo
Gonçalves Pinto (Coordenadores), Fernanda
Barbosa Moraes, Fernanda Gonzaga, Júlia Batista
Castilho de Avellar, Letícia Lucinda Meirelles, Lucas
Morais Retes, Luciana Martins Arruda, Luísa Gaspar
Andrade, Luiz Paixão Lima Borges, Maria Juliana
Horta Soares, Pauliane Santos Coelho, Priscila Lopes
Viana, Rosa Maria Saraiva Lorenzin

Capa e projeto gráfico

Glória Campos
Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais e diagramação

Paulo Henrique Alves

Revisão de provas

Lívia Assis
Tatiana Chanoca

ISBN

978-85-7758-101-6 (digital)
978-85-7758-100-9 (impresso)

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Laboratório de Edição
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Telefax: (31) 3409-6072
e-mail: revisores.fale@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/labeled

7 Linguagem, cultura e trabalho

Antônio Augusto Moreira de Faria
Rosalvo Gonçalves Pinto

11 Gregório de Matos

Maria Juliana Horta Soares

13 Preceito 3

15 Preceito 4

17 [Descreve a deplorável peste, que padece a Bahia...]

23 Alvarenga Peixoto

Maria Juliana Horta Soares
Lucas Moraes Retes

24 [Não me aflige do potro a viva quina]

24 Canto Genetliaco

31 Tomás Antônio Gonzaga

Luciana Martins Arruda
Lucas Moraes Retes

32 Lira III

33 Carta 3ª

41 Carta 4ª

51 Maria Firmina dos Reis

Maria Juliana Horta Soares

53 Hino à liberdade dos escravos

53 O meu desejo

57 Luiz Gama

Priscila Lopes Viana
Lucas Retes

59 Coleirinho

60 Que mundo é este?

62 A cativa

64 Minha mãe

67 No Cemitério de S. Benedito

68 Saudades do escravo

71 Machado de Assis

Fernanda Barbosa Moraes
Lucas Moraes Retes

73 13 de maio

73 Os semeadores

74 Espinosa

75 Daqui deste âmbito estreito

76 Sabina

85 Fagundes Varela

Luciana Martins Arruda
Luiz Paixão de Lima Borges

86 O escravo

111 Castro Alves

Júlia Batista Castilho de Avellar

112 A canção do africano

113 A criança

114 A cruz da estrada

116 A mãe do cativo

118 Bandido negro

121 Mater dolorosa

122 O sol e o povo

123 Saudação a Palmares

124 Vozes d'África

128 O navio negreiro

137 Cruz e Sousa

Júlia Batista Castilho de Avellar

139 Escravocratas

139 Da senzala...

140 Dilema

140 Titãs negros

141 Grito de guerra

143 Crianças negras

146 [Levantem esta bandeira]

147 Espiritualismo

149 Olavo Bilac

Maria Juliana Horta Soares

150 Vanitas

150 O tear

151 Profissão de fé

157 Augusto dos Anjos

Luciana Martins Arruda
Luiz Paixão Lima Borges

158 Numa forja

161 Vinícius de Moraes

Luciana Martins Arruda
Luiz Paixão Lima Borges

162 Balada das arquivistas

163	Balada do mangue
165	Mensagem à poesia
168	O operário em construção
174	Referências
176	Textos-fonte

Linguagem, cultura e trabalho (ou: Discurso literário, domínio público e internet)

Análise linguística de discursos sobre trabalhadores (em poemas, contos, romances, crônicas e artigos) – a isto estão se dedicando estudantes de graduação (todos em iniciação científica: Fernanda Moraes, Júlia Avellar, Lucas Retes e Luiz Paixão começaram em 2009; Fernanda Gonzaga, Letícia Meirelles, Luísa Andrade, Pauliane Coelho e Rosa Lorenzin agregaram-se em 2010; Luiza Santana, em 2011) e de doutorado (Luciana Arruda, Maria Juliana Soares e Priscila Viana), na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, na sua Faculdade de Letras, em pesquisa orientada pelos professores coordenadores desta antologia, os quais, entre outros estudos linguísticos, pesquisam as relações entre a linguagem verbal e o trabalho humano. Para desenvolver a análise linguística, o primeiro passo foi realizar um levantamento do vasto conjunto de textos, no discurso literário e no jornalístico brasileiro, que faz dos trabalhadores seus personagens protagonistas.

Esta coletânea de poemas é o primeiro livro resultante da pesquisa, a qual prossegue voltada, a partir de agora, a outros gêneros de discursos sobre trabalhadores.

Algumas convicções motivam os coordenadores da antologia. Primeira: os estudos linguísticos, que obviamente não podem ignorar os textos produzidos na língua padrão, mas também não devem restringir-se a ela, precisam ampliar seus dados textuais e relacionar aquela variedade

linguística¹ com outras, como a literária ou a coloquial, que dela diferem em diversas dimensões. Um dos que perceberam isto com clareza foi Roman Jakobson, para quem “a arte verbal encontra-se no âmbito imediato dos interesses e tarefas vitais dos linguistas”.²

Segunda convicção: o trabalho humano consolida hábitos, valores, crenças – cultura, enfim, veiculada por muitas linguagens, entre elas a verbal, inclusive a verbal literária. No caso desta antologia, os leitores identificarão nos poemas diferentes discursos, que linguisticamente materializam diferentes conjuntos de ideias, sobre o trabalho e os trabalhadores. Confrontem-se por exemplo os textos de Olavo Bilac e os de Castro Alves.

Terceira convicção: o desenvolvimento da internet ampliou enormemente a circulação da cultura, disponibilizando a milhões de leitores obras que se encontram em domínio público, e não só elas. Isto se comprova com esta antologia. Os poemas nela presentes já podiam ser lidos na internet, mas não da maneira como foram organizados e estão disponíveis a partir de agora (tanto em versão eletrônica, na internet, quanto em versão impressa convencional), agrupados em bloco segundo critérios linguísticos com que lidam os coordenadores: 1) os trabalhadores como participantes (personagens) das narrativas literárias em versos; 2) os temas do trabalho e das relações entre trabalhadores e empregadores. E é para facilitar a leitura da antologia, principalmente na versão eletrônica, que foram destacados, com recuos à direita, trechos que focalizam diretamente tais temas e personagens.

Cabe assinalar que, a partir do relativamente vasto acervo de textos literários brasileiros sobre os trabalhadores e as relações de trabalho, esta antologia foi precedida por outras, das quais podem ser destacadas pelo menos três recentes: *Trabalhadores do Brasil: histórias do povo brasileiro*, organizada por Roniwalter Jatobá; *Com palmas medida – terra, trabalho e conflito na literatura brasileira*, por Flávio Aguiar; e

¹ Sobre as relações entre língua padrão e língua literária no Brasil, vejam-se as posições de AZEREDO, *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, p. 25-36; CASTILHO, *Nova gramática do português brasileiro*, p. 90-107; NEVES, *Guia de uso do português – confrontando regras e usos*, p. 13-15; PERINI, *Gramática descritiva do português*, p. 23-27; SAVIOLI e FIORIN, *Guia de uso do português – confrontando regras e usos* p. 9-12, dentre os estudos linguísticos recentes.

² JAKOBSON. *Linguística, Poética, Cinema*. p. 20.

Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo, por Eduardo Duarte.

Cabe também agradecer a estudantes que prestaram colaboração pontual quando foi iniciada a organização da antologia: João Gabriel Vaz, Maria Fernandina Batista, Raquel Possolo e Shirlei de Melo.

E cabe finalmente explicitar que esta publicação se restringe ao acervo em domínio público, e deve agradecimento especial aos herdeiros do escritor Vinícius de Moraes, que cedem – por meio da Universidade de São Paulo, USP, no sítio eletrônico de seu Instituto de Estudos Brasileiros – a obra do poeta para finalidades não comerciais, o que é o caso desta antologia, sem venda/distribuição comercial, mas acessível gratuitamente pela internet: <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz>>.

Boa leitura!

Antônio Augusto Moreira de Faria
& Rosalvo Gonçalves Pinto

Gregório de Matos

Maria Juliana Horta Soares

Gregório de Matos e Guerra (Salvador, 1623?1636? – Recife, 1696) formou-se na Universidade de Coimbra, em 1661. Naquele mesmo ano casou-se em Lisboa com D. Michaela de Andrade. Exerceu em Portugal os cargos de curador de órfãos e de juiz criminal. De volta à Bahia, recebeu do primeiro arcebispo, D. Gaspar Barata, os cargos de vigário-geral e de tesoureiro-mor, dos quais foi demitido por não querer cumprir ordens eclesiásticas. Casou-se novamente, com Maria dos Povos, e, como cantador itinerante, conviveu com o povo do Recôncavo Baiano. Na época avolumou-se sua obra, com muitos poemas considerados eróticos ou obscenos, o que lhe rendeu a alcunha de “Boca do Inferno”. Em 1685, foi denunciado à Inquisição em Lisboa. Por suas críticas mordazes, principalmente a fidalgos e ao Governador Antonio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, em 1694 foi deportado para Angola. Posteriormente voltou para o Brasil, para Recife, onde morreu em 1696.

A obra de Gregório de Matos compreende poesias líricas, sacras, satíricas e eróticas. Como teve poucos escritos publicados enquanto viveu, é arriscado afirmar que toda a obra atribuída ao poeta seja realmente de autoria dele. Sua extensa obra aborda as mais diversas temáticas, entre elas a escravidão, tema que faz parte dos poemas selecionados para esta antologia, na qual foram destacados poemas em que o autor refere-se ao trabalho, escravo ou não. Nos breves trechos assinalados, quando é abordado o trabalho escravo, o que há não são críticas contundentes, mas observações sobre as condições de trabalho e educação a que eram

submetidos os escravos ("Preceitos" 3 e 4). São também tematizadas outras situações de trabalho, como no trecho sobre uma senhora que atua como enfermeira durante uma peste que assolou Salvador.

Preceito 3

Pois no que toca a guardar
Dias Santos, e Domingos:
Ninguém vejo em mim, que os guarde,
Se tem, em que ganhar jimbo.
Nem aos míseros escravos
Dão tais dias de vazio,
Porque nas leis do interesse,
É preceito proibido.

Quem os vê ir para o templo
Com as contas e os livrinhos de devoção, julgará,
Que vão p'ra ver a Deus Trino:
Porém tudo é mero engano,
Porque se alguns escolhidos
Ouvem missa, é perturbados
Desses, que vão por ser vistos.
E para que não pareça,
Aos que escutam, o que digo,
Que há mentira, no que falo
Com a verdade me explico:
Entra um destes pela Igreja,
Sabe Deus com que sentido,
E faz um sinal da cruz
Contrário ao do catecismo.
Logo se põe de joelhos,
Não como servo rendido,
Mas em forma de besteiro
Cum pé no chão, outro erguido.
Para os altares não olha,
Nem para os Santos no nicho,
Mas para quantas pessoas
Vão entrando, e vão saindo.
Gastam nisto o mais do tempo,
E o que resta divertidos
Se põem em conversação,
Com os que estão mais propínquos
Não contam vidas de Santos,
Nem exemplos ao divino,

[cont.]

[cont.]

Mas sim muita patarata,
Do que não há, nem tem sido.
Pois se há sermão, nunca o ouvem,
Porque ou se põem de improviso
A cochilar como negros,
Ou se vão escapulindo.
As tardes passam nos jogos,
Ou no campo divertidos
Dando Leis, e dando arbítrios.
As mulheres são piores,
Porque se lhes faltam brincos
Manga a volá, broche, troço,
Ou saia de labirintos,
Não querem ir para a Igreja,
Seja o dia mais festivo,
Mas em tendo essas alfaias,
Saltam mais do que cabritos.
E se no Carmo repica,
Ei-las lá vão rebolindo,
O mesmo para São Bento,
Colégio, ou São Francisco.
Quem as vir muito devotas,
Julgará sincero, e liso,
Que vão na missa, e sermão
A louvar a Deus com hinos.
Não quero dizer, que vão,
Por dizer mal do Maridos,
Aos amantes, ou talvez
Cair em erros indignos.
Debaixo do parentesco,
Que fingem pelo apelido,
Mandando-lhes com dinheiro
Muitos, e custosos mimos.

Preceito 4

Vejo, que morrem de fome
Os Pais daquelas, e os Tios,
Ou porque os veem Lavradores,
Ou porque tratam de ofícios.
Pois que direi dos respeitos,
Com que os tais meus mancebinhos
Tratam esses Pais depois
Que deixam de ser meninos?
Digam-no quantos o veem,
Que eu não quero repeti-lo,
A seu tempo direi como
Criam estes morgadinhos.
Se algum em seu testamento
Cerrado, ou nuncupativo
A algum parente encarrega
Sua alma, ou legados pios:
Trata logo de enterrá-lo
Com demonstrações de amigo,
Mas passando o Resquiescat
Tudo se mate no olvido.
Da fazenda tomam posse
Até do menor caquinho;
Mas para cumprir as deixas
Adoecem de fastio.
E desta omissão não fazem
Escrúpulo pequenino,
Nem se lhes dá, que o defunto
Arda, ou pene em fogo ativo.
E quando chega a apertá-los
O tribunal dos resíduos,
Ou mostram quitações falsas,
Ou movem pleitos renhidos.
Contados são, os que dão
A seus escravos ensino,
E muitos nem de comer,
Sem lhes perdoar serviço.

[cont.]

[cont.]

Oh quantos, e quantos há
De bigode fernandino,
Que até de noite às escravas
Pedem selários indignos,
Pois no modo de criar
Aos filhos parecem símios,
Causa por que os não respeitam,
Depois que se veem crescidos.

Criam-nos com liberdade
Nos jogos, como nos vícios,
Persuadindo-lhes, que saibam
Tanger guitarra, e machinho.
As Mães por sua imprudência
São das filhas desperdício,
Por não haver refestela,
Onde as não levem consigo.
E como os meus ares são
Muito coados, e finos,
Se não há grande recato,
Têm as donzelas perigo.
Ou as quebranta de amores
O ar de algum recadinho,
Ou pelo frio da barra
Saem co ventre crescido.
Então vendo-se opiladas,
Se não é do santo vínculo,
Para livrarem do achaque,
Buscam certos abortinhos.
Cada dia o estou vendo,
E com ser isto sabido,
Contadas são, as que deixam
De amar estes precipícios.
Com o dedo a todas mostro,
Quanto indica o vaticínio,
E se não querem guardá-lo,
Não culpam meu domicílio.

[Descreve a deplorável peste, que padeceo a Bahia no a. 1686, a quem discretamente chamáram bicha, porque variando nos sintomas, para que a medicina não soubesse atalhar os effeytos, mordida por diferentes boccas, como a bicha de hercoles. Tambem louva o cartitativo zelo de algumas pessoas com os enfermos]

Deste castigo fatal,
Que outro não vemos, que iguale,
Serei Mercúrio das penas,
E Coronista dos males.
Tome esta notícia a Fama,
Para que voe, e não pare,
E com lamentáveis ecos
Soe numa, e noutra parte.
Ano de mil, e seis centos
Oitenta e seis, se contar-se
Pode por admiração,
Escutem os circunstantes.
Chegou a morte à Bahia,
Não cuidando, que chegasse,
Aqueles, que não temiam
Seus golpes por singulares.
Representou-nos batalha
Com rebuços no disfarce,
Facilitando a peleja
Para segurar o saque.
Mas tocando a degolar
Levou tudo a ferro, e sangue
Divertindo a medicina
Com variar os achaques.
Fez estrago tão violento
Em discretos, ignorantes,
Em pobres, ricos, soberbos,
Que nenhum pode queixar-se.
Ao discreto não valeram
Seus conceitos elegantes,

[cont.]

[cont.]

Nem ao néscio o ignorar,
Que ofensas não de pagar-se.
Ao rico não reparou
De seu poder a vantagem,
Nem ao soberbo o temido
Nem ao pobre o humilhar-se.
Ao galante o ser vistoso,
Nem ao polido o brilhante,
Nem ao rústico descuidos,
De que a vida há de acabar-se.
E se algum quis de manhã
Rosa brilhante ostentar-se,
Chegava a morte, e se via
Funesta pompa de tarde.
Emudeceu as folhas,
Trocou em lamento os bailes,
Cobriu as galas de luto,
Encheu de pranto os lugares.
Foi tudo castigo em todos
Por esta, e aquela parte,
Se aos pobres faltou remédio,
Aos ricos sobraram males.
Para o sexo feminino
Veio a morte de passagem,
Deixando-lhe, no que via
Exemplo para emendar-se.
Nos inocentes de culpa
Foi a morte relevante,
Que tanto a inocência livra,
Quanto condena o culpável.
Pela caterva etiópia
Passou tocando rebate,
Mas corpos, que pagam culpas,
Não é bem, que à vida faltem.
Já se via pelas ruas
De porta em porta chegar-se
Um devoto Teatino
Intimando a confessar-se.

[cont.]

[cont.]

Quem para a morte deixara
Negócio tão importante,
Porque as lembranças da vida
Negam da morte o lembrar-se.
Os campanários se ouviam
Uma hora em outra dobrarem,
Despertadores da morte,
Porque aos vivos lhe lembrasse.
Fez abrir nos cemitérios
Em um dia a cada instante
Para receber de corpos,
O que tinham de lugares.
Foi tragédia lastimosa,
Em que pode ponderar-se,
Que a terra sobrando a muitos,
Se viu ali, que faltasse.
Os que nela não cabiam,
Quando vivos, hoje cabem
Numa sepultura a três,
Quero dizer a três pares.
Viam-se as enfermarias
De corpos tão abundantes,
Que sobrava a diligência,
Para que a todos chegassem.
O remédio para as vidas
Era impossível achar-se,
Porque o número crescia
Cada minuto, e instante.
Titubeava Galeno
Com a implicância dos males,
Porque o tributo das vidas,
Mandava Deus, que pagassem.
O Senhor Marquês das Minas,
Que Deus muitos anos guarde,
Zeloso como cristão,
Liberal como Alexandre:
Preveniu para a saúde,
Para que em tudo acertasse,

[cont.]

[cont.]

Dividirem-se os enfermos
Por casas particulares.
Este zelo foi motivo,
De que todos por vontade
(Digo os possantes) mostraram,
Serem próximos amantes.

Havia um novo hospital,
Onde se admirou notável
O zelo de uma Senhora
Dona Francisca de Sande:
Mostrando como enfermeira
O desvelo em toda a parte,
E administrando a mezinha,
A quem devia de dar-se.
Consolando a quem gemia,
Animando os circunstantes,
Tolerando o sentimento
De que assim não acertasse.
Não reparando nos gastos
Da fazenda, que eram grandes,
Porque só quis reparar
Vidas, por mais importantes.

O Marquês como Senhor
Quis em tudo aventejar-se,
Abrindo para a pobreza
Os tesouros da vontade.
Repartia pelos pobres
Esmolas tão importantes,
Que o seu zelo nos mostrava
Querer, que nada faltasse.
Publicando geralmente,
Que a ele os pobres chegassem,
Porque ao remédio de todos
Sua Excelência não falte.
Mas se estava Deus queixoso,
Que muito passasse avante
Este castigo de culpas,
Mais que inclemência dos ares.

[cont.]

[cont.]

Finalmente que a Bahia
Chegou a extremo tão grande,
Que aos viventes parecia
Querer o mundo acabar-se.
Punha a morte cerco às vidas
Tão cruel, e exorbitante,
Que em três meses sepultou
Da Bahia a maior parte.
Ah Bahia! bem puderas
De hoje em diante emendar-te,
Pois em ti assiste a causa
De Deus assim castigar-te.
Mostra-se Deus ofendido,
Nós sem desculpa que dar-lhe;
Emendemos nossos erros,
Que Deus porá termo aos males.

Alvarenga Peixoto

Maria Juliana Horta Soares

Lucas Morais Retes

Inácio José de Alvarenga Peixoto (Rio de Janeiro, 1744? – Ambaca, 1792), bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu cargos como juiz em Sintra, Portugal, e ouvidor em São João del-Rei (MG). Em 1779, abandonou a magistratura para se tornar empresário de mineração e agricultura. Em 1781, casou-se pela segunda vez – com Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, poetisa mineira. Envolvendo-se na Conjuração Mineira, foi preso em 1789 e condenado à morte, pena substituída por degredo, cumprido em Angola, onde faleceu.

Em relação à sua poesia, há dúvidas principalmente sobre a autoria dos textos, já que o poeta “deixou apenas um poema autógrafa e, dos 33 de seus poemas até hoje conhecidos, somente três foram publicados em vida.”¹ Apesar disso, sua obra é considerada uma das mais representativas do movimento arcadista. É o caso dos versos nesta antologia, que se referem, entre outras temáticas, ao trabalho escravo e à exploração das riquezas brasileiras por parte de Portugal, e enaltecem os trabalhadores que extraem as riquezas da terra e que merecem, nos trechos destacados, adjetivos como *heroicas* (“heroicas ações”); *duros* e *valentes* (“São os escravos duros e valentes, / Aos penosos trabalhos costumados”); e *fortes* (“Os fortes braços feitos ao trabalho”).

¹ PROENÇA FILHO. *A poesia dos inconfidentes*, p. 941.

[Não me aflige do potro a viva quina]

Não me aflige do potro a viva quina;
Da férrea maça o golpe não me ofende;
Sobre as chamas a mão se não estende;
Não sofro do agulhete a ponta fina.

Grilhão pesado os passos não domina;
Cruel arrocho a testa me não fende;
À força perna ou braço se não rende;
Longa cadeia o colo não me inclina.

Água e pomo faminto não procuro;
Grossa pedra não cansa a humanidade;
A pássaro voraz eu não aturo.

Estes males não sinto, é bem verdade;
Porém sinto outro mal inda mais duro:
Da consorte e dos filhos a saudade!

Canto Genetlíaco

Bárbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvam-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Que os heróis das mais altas cataduras
Principiam a ser patrícios nossos;
E o vosso sangue, que esta terra ensopa,
Já produz frutos do melhor da Europa.

Bem que venha a semente à terra estranha,
Quando produz, com igual força gera;
Nem do forte leão, fora de Espanha,
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio numas terras ganha,
Em outras vence a fresca primavera;
E a raça dos heróis da mesma sorte
Produz no sul o que produz no norte.

Rômulo porventura foi romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza?
Não era o grande Henrique lusitano:
Quem deu princípio à glória portuguesa?
Que importa que José Americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portugueses,
Se é patrício este ramo dos Meneses?

Quando algum dia permitir o fado
Que ele o mando real moderar venha,
E que o bastão do pai, com glória herdado,
Do pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperais que seja o seu agrado?
Vós exp'rimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares
E venerar, gostoso, os pátrios lares.

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio das delícias, tão diverso,
Quão diferente é para quem ama
Os ternos laços de seu pátrio berço!
O pastor loiro, que o meu peito inflama,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso herói na boca
Como em grandezas tanto horror se troca.

"Aqueles serras na aparência feias,
– Dirá José – oh quanto são formosas!
Elas conservam nas ocultas veias
A força das potências majestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata, ouro e pedras preciosas;
Aqueles brutos e escavadas serras
Fazem as pazes, dão calor às guerras.

"Aqueles matos negros e fechados,
Que ocupam quase a região dos ares,
São os que, em edifícios respeitadas,
Repartem raios pelos crespos mares.
Os coríntios palácios levantados,
Dóricos templos, jônicos altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios e escuros.

"A coroa de ouro, que na testa brilha,
E o cetro, que empunha na mão justa
Do Augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana Augusta;
E Lisboa, da Europa maravilha,
Cujas riquezas todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitadas,
Bárbara terra, mas abençoada.

"Estes homens de vários acidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos trabalhos costumados:
Eles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

"Porventura, senhores, pôde tanto
O grande herói, que a antiguidade aclama,
Porque aterrou a fera de Erimanto,
Venceu a Hidra com o ferro e chama?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de imortal e eterna fama?
Ou ainda o macedônico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?

"Eu só pondero que essa força armada,
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos.
Isto que tem com a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a forma da terrestre esfera,
Apesar duma vida a mais austera?

"Se o justo e útil pode tão somente
Ser o acertado fim das ações nossas,
Quais se empregam, dizei, mais dignamente
As forças destes ou as forças vossas?
Mandam a destruir a humana gente
Terríveis legiões, armadas grossas;
Procurar o metal, que acode a tudo,
É destes homens o cansado estudo.

"São dignos de atenção..." Ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro o poder sagrado;
E já o nosso herói nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lágrimas desfeito,
Estas vozes tirou do amante peito:

"Filho, que assim te chamo, filho amado,
Bem que um tronco real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes da primeira graça;
Deves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Cristo te alistei na praça;
E estas mãos, por favor de um Deus eterno,
Te restauraram do poder do inferno.

"Amado filho meu, torna a meus braços,
Permita o céu que a governar prossigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos,
Honrando as suas paternais fadigas.
Não receies que encontres embaraços
Aonde quer que o teu destino sigas,
Que ele pisou por todas estas terras
Matos, rios, sertões, morros e serras.

"Valeroso, incansável, diligente
No serviço real, promoveu tudo
Já nos países do Puri valente,
Já nos bosques do bruto Boticudo;
Sentiram todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo;
E quantos viram seu sereno rosto
Lhe obedeceram por amor, por gosto.

"Assim confio o teu destino seja,
Servindo a pátria e aumentando o Estado,
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo ilustre de teus pais herdado;
Permita o céu que felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado.
Assim, contente, acabarei meus dias;
Tu honrarás as minhas cinzas frias."

Acabou de falar o honrado velho,
Com lágrimas as vozes misturando.
Ouviu o nosso herói o seu conselho,
Novos projetos sobre os seus formando:
Propagar as doutrinas do Evangelho,
Ir os patrícios seus civilizando;
Aumentar os tesouros da reinante
São seus desvelos desde aquele instante.

Feliz governo, queira o céu sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o século doirado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Século que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto e de alegria,
Até os tempos, que o destino encerra,
De governar José a pátria terra.

Tomás Antônio Gonzaga

Luciana Martins Arruda

Lucas Morais Retes

Tomás Antônio Gonzaga (Porto/Portugal, 1744 – Ilha de Moçambique, 1810?) viveu no Brasil, em Vila Rica, atual Ouro Preto. Suas principais obras literárias são: *Marília de Dirceu* (publicada em três partes, em 1792, 1799 e 1812) e *Cartas chilenas* (1863).

Marília de Dirceu teve a sua primeira parte publicada em Lisboa (Portugal). Nela, Dirceu (pseudônimo de Gonzaga) canta o seu amor por Marília (pseudônimo de Maria Dorotéia de Seixas) e, mais especificamente na Lira III, retrata literariamente algumas das atividades realizadas pelos trabalhadores escravos.

Cartas chilenas são poemas satíricos, anônimos e incompletos, cuja autoria, sobre a qual há polêmica, foi inicialmente atribuída a Cláudio Manuel da Costa. As *Cartas* satirizam desmandos do Governador Luís da Cunha Meneses (pseudônimo: Fanfarrão Minésio). O nome adjetivo *chilenas* é empregado metaforicamente, em lugar de *mineiras*, e Santiago, a cidade que aparece nos poemas, corresponde, também metaforicamente, a Vila Rica. O autor das cartas é identificado como *Critilo* e seu destinatário como *Doroteu*. A terceira carta, entre outros aspectos, descreve o modo violento como se tratavam os escravos aprisionados, forçados a trabalhar em construção de cadeias, e as injustiças cometidas pelo governador. Além disso, segundo a “Carta 4ª”, muitos dos trabalhadores escravizados chegavam a falecer por excesso de trabalho ou doenças.

Lira III

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de oiro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sábia, mestra História,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz, a imagem bela;
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura.

Carta 3ª

Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou
por causa de uma cadeia, a que deu princípio.

Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!
Assopra o vento sul, e densa nuvem
Os horizontes cobre; a grossa chuva,
Caindo das biqueiras dos telhados
Forma regatos, que os portais inundam.
Rompem os ares colubrinas fachas
De fogo devorante e ao longe soa,
De compridos trovões, o baixo estrondo.
Agora, Doroteu, ninguém passeia,
Todos em casa estão, e todos buscam
Divertir a tristeza, que nos peitos
Infunde a tarde, mais que a noite feia.
O velho Altimidonte, certamente,
Tem postas nos narizes as cangalhas
E revolvendo os grandes, grossos livros,
C'os dedos inda sujos de tabaco,
Ajunta ao mau processo muitas folhas
De vãs autoridades carregadas.
O nosso bom Dirceu, talvez que esteja,
Com os pés escondidos no capacho,
Metido no capote, a ler gostoso
O seu Vergílio, o seu Camões e Tasso.
O terno Floridoro, a estas horas,
No mole espreguiceiro se reclina
A ver brincar, alegres, os filhinhos,
Um já montado na comprida cana
E outro pendurado no pescoço
Da mãe formosa, que risonho abraça.

[cont.]

[cont.]

O gordo Josefino está deitado,
Nada lhe importa, nem do mundo sabe,
Ao som do vento, dos trovões e chuva,
Como em noite tranquila, dorme e ronca;
O nosso Damião, enfim, abana
Ao lento fogo com que, sábio, tira
Os úteis sais da terra e o teu Critilo,
Que não encontra, aqui, com quem murmure,
Quando só murmurar lhe pede o gênio,
Pega na pena e desta sorte voa,
De cá, tão longe, a murmurar contigo.
Já disse, Doroteu, que o nosso chefe,
Apenas principia a governar-nos,
Nos pretende mostrar que tem um peito
 Muito mais terno e brando, do que pedem
 Os severos ofícios do seu cargo.
 Agora, cuidarás, prezado amigo,
 Que as chaves das cadeias já não abrem,
 Comidas da ferrugem? Que as algemas,
 Como trastes inúteis, se furtaram?
 Que o torpe executor das graves penas
 Liberdade ganhou? Que já não temos
 Descalços guardiães, que à fonte levem,
 Metidos nas correntes, os forçados?
Assim, prezado amigo, assim devia
Em Chile acontecer, se o nosso chefe
Tivesse, em governar, algum sistema.
Mas, meu bom Doroteu, os homens néscios
Às folhas dos olmeiros se comparam:
São como o leve fumo, que se move
Para partes diversas, mal os ventos
Começam a apontar, de partes várias.
Ora, pois, doce amigo, atende o como
No seu contrário vício, degenera
A falsa compaixão do nosso chefe,
Qual o sereno mar, que, num instante,
As ondas sobre as ondas encapela.

Pretende, Doroteu, o nosso chefe
Erguer uma cadeia majestosa,
Que possa escurecer a velha fama
Da torre de Babel e mais dos grandes,
Custosos edifícios que fizeram,
Para sepulcros seus, os reis do Egito.
Talvez, prezado amigo, que imagine
Que neste monumento se conserve
Eterna, a sua glória, bem que os povos
Ingratos não consagrem ricos bustos
Nem montadas estátuas ao seu nome.
Desiste, louco chefe, dessa empresa:

 Um soberbo edifício levantado
 Sobre ossos de inocentes, construído
 Com lágrimas dos pobres, nunca serve
 De glória ao seu autor, mas, sim, de opróbio.

Desenha o nosso chefe, sobre a banca,
Desta forte cadeia o grande risco,
À proporção do gênio e não das forças
Da terra decadente, aonde habita.
Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te
Ao menos o formoso frontispício.
Verás se pede máquina tamanha
Humilde povoado, aonde os grandes
Moram em casas de madeira a pique.

Em cima de espaçosa escadaria
Se forma do edifício a nobre entrada
Por dois soberbos arcos dividida;
Por fora destes arcos se levantam
Três jônicas colunas, que se firmam
Sobre quadradas bases e se adornam
De lindos capitéis, aonde assenta
Uma formosa, regular varanda;
Seus balaústres são das alvas pedras
Que brandos ferros cortam sem trabalho.
Debaixo da cornija, ou projetura,

[cont.]

[cont.]

Estão as armas deste reino abertas
No liso centro de vistosa tarja.
Do meio desta frente sobe a torre
E pegam desta frente, para os lados,
Vistasas galerias de janelas
A quem enfeitam as douradas grades.
E sabes, Doroteu, quem edifica
Esta grande cadeia? Não, não sabes.
Pois ouve, que eu t'ó digo: um pobre chefe
Que, na côrte, habitou em umas casas
Em que já nem abriam as janelas.
E sabes para quem? Também não sabes.
Pois eu também t'ó digo: para uns negros
Que vivem (quando muito), em vis cabanas,
Fugidos dos senhores, lá nos matos.
Eis aqui, Doroteu, ao que se pode
Muito bem aplicar aquela mofa
Que faz o nosso mestre, quando pinta
Um monstro meio peixe e meio dama.
Na sábia proporção é que consiste
A boa perfeição das nossas obras.
Não pede, Doroteu, a pobre aldeia
Os soberbos palácios, nem a côrte
Pode, também, sofrer as toscas choças.
Para haver de suprir o nosso chefe
Das obras meditadas as despesas,
Consome do senado os rendimentos
E passa a maltratar ao triste povo
Com estas nunca usadas violências:
Quer cópia de forçados que trabalhem
Sem outro algum jornal, mais que o sustento
E manda a um bom cabo que lhe traga
A quantos quilombotas se apanharem
Em duras gargalheiras, Voa o cabo,
Agarra a um e outro e num instante
Enche a cadeia de alentados negros.
Não se contenta a cabo com trazer-lhe
Os negros que têm culpas, prende e manda
Também, nas grandes levas, os escravos

Que não têm mais delitos que fugirem
Às fomes e aos castigos, que padecem
No poder de senhores desumanos.
Ao bando dos cativos se acrescentam
Muitos pretos já livres e outros homens
Da raça do país e da europeia
Que, diz o grande chefe, são vadios
Que pertubam dos povos o sossego.

Não há, meu Doroteu, quem não se molde
Aos gestos e aos costumes dos maiores.
Brincando, os inocentes os imitam,
Se as tropas se exercitam, eles fingem
As hórridas batalhas. Se se fazem
Devotas procissões, também carregam
Aos ombros os andores e as charolas.
Os mesmos magistrados se revestem
Do gênio e das paixões de quem governa.
Se o rei é piedoso, são benignos
Os severos ministros, se é tirano
Mostram os pios corações de feras.
Por isso, Doroteu, um chefe indigno
É muito e muito mau, porque ele pode
A virtude estragar de um vasto império.
Os nossos comandantes, que conhecem
A vontade do chefe, também querem
Imitar deste cabo o ardente zelo.
Enviaram para as pedras os vadios
Que, na forma das ordens, mandar devem
Habitar em desterro novas terras.
Ora, pois, doce amigo, já que falo
Nos nossos comandantes, será justo
Que te dê destes bichos uma ideia.

A gente, Doroteu, que não se alista
Nas tropas regulares forma corpos
De bisonha ordenança. Não há terra
Sem ter um corpo destes. Os seus chefes

[cont.]

[cont.]

Ao capitão maior estão sujeitos,
E são os que chamam comandantes,
Porque as partes comandam destes terços.
Estes famosos chefes, quase sempre
Da classe dos tendeiros são tirados.
Alguns, inda depois de grandes homens,
Se lhe faltam os negros, a quem deixam
O governo das vendas, não entendem
Que infamam as bengalas, quando pesam
A libra de toucinho e quando medem
O frasco de cachaça. Agora atende,

Verás que desta escória se levanta
De magistrados uma nova classe.

Aos ricos taverneiros, disfarçados
Em ar de comandantes, manda o chefe
Que tratem da polícia e que não deixem
Viver, nos seus distritos, as pessoas
Que forem revoltosas. Quer que façam
A todos os vadios uns sumários
E que, sem mais processos, os remetam
Para remotas partes, sem que destas
Jurídicas sentenças, se faculte
Algum recurso parfa mor alçada.

Já viste, Doroteu, um tal desmancho?
As santas leis do reino não concedem
Ao magistrado régio, que execute,
No crime, o seu julgado e o nosso chefe
Quer que deem as sentenças sem apelo
Incultos comandantes, que nem sabem
Fazer um bom diário do que vendem!
Concedo, caro amigo, que estes homens
São uns grandes consultos, que meteram
Os corpos do direito nos seus cascos.
Ainda assim pergunto: e como pode
O chefe conceder-lhes esta alçada?

[cont.]

[cont.]

Ignora a lei do reino, que numera
Entre os direitos próprios dos augustos
A criação dos novos magistrados?
O grande Salomão lamenta o povo
Que sobre o trono tem um rei menino;
Eu lamento a conquista a quem governa
Um chefe tão soberbo e tão estulto
Que, tendo já na testa brancas repas,
Não sabe, ainda, que nasceu vassalo.

Os néscios comandantes e o bom cabo,
Que fez o nosso herói geral meirinho,
Remetem, nas correntes, povo imenso.
Parece, Doroteu, que temos guerras;
Que, para recrutar as companhias,
De toda a parte vêm chorosas levas.
Aqui, prezado amigo, principia
Esta triste tragédia; sim prepara,
Prepara o branco lenço, pois não podes
Ouvir o resto, sem banhar o rosto
Com grossos rios de salgado pranto.
Nas levas, Doroteu, não vêm somente
Os culpados vadios; vem aquele,
Que a dívida pediu ao comandante;
Vem aquele, que pôs impuros olhos
Na sua mocetona: e vem o pobre,
Que não quis emprestar-lhe algum negrinho,
Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.

Estes tristes, mal chegam, são julgados
Pelo benigno chefe a cem açoites.
Tu sabes, Doroteu, que as leis do reino
Só mandam que se açoitem com a sola,
Aqueles agressores, que estiverem
Nos crimes quase iguais aos réus de morte.
Tu também não ignoras que os açoites
Só se dão por desprezo nas espáduas,

[cont.]

[cont.]

Que açoitar, Doroteu, em outra parte,
Só pertence aos Senhores, quando punem
Os caseiros delitos dos escravos.
Pois todo este direito se pretere:
No pelourinho a escada já se assenta,
Já se ligam dos réus os pés e os braços;
Já se descem calções, e se levantam
Das imundas camisas rotas fraldas;
Já pegam dous verdutos nos zorragues;
Já descarregam golpes desumanos;
Já soam os gemidos e respingam
Miúdas gotas de pisado sangue.
Uns gritam que são livres, outros clamam
Que as sábias Leis do Rei os julgam brancos,
Este diz, que não tem algum delito,
Que tal vigor mereça; aquele pede
Do injusto acusador ao Céu vingança.
Não afrouxam os braços dos verdugos,
Mas antes com tais queixas se duplica
A raiva dos tiranos, qual o fogo,
Que aos assopros dos ventos ergue a chama.
Às vezes, Doroteu, se perde a conta
Dos cem açoites, que no meio estava,
Mas outra nova conta se começa.
Os pobres miseráveis já nem gritam.
Cansados de gritar, apenas soltam
Alguns fracos suspiros, que enternecem.
Que é isso, Doroteu? Tu já retiras
Os olhos do papel? Tu já desmaias?
Já sentes as moções, que alheios males
Costumam infundir nas almas ternas?
Pois és, prezado amigo, muito fraco,
Aprende a ter o valor do nosso chefe,
Que à janela se pôs, e a tudo assiste,
Sem voltar o semblante para a ilharga.
E pode ser, amigo, que não tenha
Esforço para ver correr o sangue,
Que em defesa do Trono se derrama.

Aos pobres açoitados manda o chefe
Que, presos nas correntes dos forçados,
Vão juntos trabalhar. Então se entregam
Ao famoso tenente, que os governa
Como sábio inspetor das grandes obras.
Aqui, prezado amigo, principiam
Os seus duros trabalhos. Eu quisera

Contar-te o que eles sofrem, nesta carta,
Mas tu, prezado amigo, tens o peito,
Dos males que já leste, magoado,
Por isto é justo que suspenda a história,
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

Carta 4ª

Em que se continua a mesma matéria

Maldito, Doroteu, maldito seja
O vício de um poeta, que, tomando
Entre dentes alguém, enquanto encontra
Matéria em que discorra, não descansa.
Agora, Doroteu, mandou dizer-me
O nosso amigo Alceu, que me embrulhasse
No pardo casacão, ou no capote,
E que, pondo o casquete na cabeça,
Fosse ao sítio Covão, jantar com ele.
Eu bem sei, Doroteu, que tinha sopa
Com ave e com presunto, sei que tinha
De mamota vitela um gordo quarto,
Que tinha fricassés, que tinha massas,
Bom vinho de Canárias, finos doces
E de mimosas frutas, muitos pratos.
Porém que importa, amigo, perdi tudo
Só para te escrever mais uma carta.
Maldito, Doroteu, maldito seja
O vício de um poeta, pois o priva
De encher o seu bandulho, pelo gosto
De fazer quatro versos, que bem podem
Ganhar-lhe uma maçada, que só serve
De dano ao corpo, sem proveito d'alma.

A carta, Doroteu, a longa carta
Que descreve a cadeia, finaliza
No ponto de que os presos se remetem
Ao severo tenente, que preside,
Como sábio inspetor, às grandes obras.

Agora prossigamos nesta história
E demos-lhe o princípio, por tirarmos
Ao famoso inspetor, ao grão tenente,
Com cores delicadas, uma cópia.

É de marca maior que a mediana,
Mas não passa a gigante; tem uns ombros
Que o pescoço algum tanto lhe sufocam.
O seu cachaço é gordo, o ventre inchado,
A cara circular, os olhos fundos,
De gênio soberbão, grosseiro trato,
Assopra de contínuo e fala muito.
Preza-se de fidalgo e não se lembra
Que seu pai foi um pobre, que vivia
De cobrar dos contratos os dinheiros,
De que ficou devendo grandes somas,
Sinal de que ele foi um bom velhaco.
O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas:

Era um triste pingante, que só tinha
O seu pequeno soldo; agora veio
Para inspetor das obras e já ronca,
Já empresta dinheiros, já tem casas,
Já tem trastes de custo e ricos móveis;
Mas logo, Doroteu, verás o como.

Mal o duro inspetor recebe os presos
Vão todos para as obras; alguns abrem
Os fundos alicerces, outros quebram,
Com ferros e com fogo, as pedras grossas.
Aqui, prezado amigo, não se atende
Às forças nem aos anos. Mão robusta
De atrevido soldado move o relho,
Que a todos, igualmente, faz ligeiros.

[cont.]

[cont.]

Aqui se não concede de descanso
Aquele mesmo dia, o grande dia
Em que Deus descansou e em que nos manda
Façamos obras santas, sem que demos
Ao jumentos e bois, algum trabalho.

Tu sabes, Doroteu, que um tal serviço
Por uma civil morte se reputa.
Que peito, Doroteu, que duro peito
Não que deve ter um chefe, que atormenta
A tantos inocentes por capricho?
Que se arrisque o vassalo na campanha,
É uma digna ação que a pátria exige,
Nem este grande risco nos estraga
O pundonor, que vale mais que a vida,
Antes nos abre as portas, para entrarmos
Nos templos do heroísmo. Sim, nós temos,
Nós temos mil exemplos. Muitos, muitos
Que, há séculos, morreram pela pátria,
Na memória dos homens inda vivem.
Mas arriscar vassalos inocentes

Às pedras que se soltam dos guindastes
E aos montes de piçarra, que desabam
Nos fundos alicerces, sem vencerem,
Nem como jornaleiros, ténue paga;
Pô-los, ainda em cima, na figura
Dos indignos vassalos, que se julgam
Em pena dos delitos como escravos,
Isto só para erguer-se uma obra grande,
Que outra, pequena, supre, é mais que injusto,
É uma das ações que só praticam
Aqueles torpes monstros, que nasceram
Para serem, na terra, o mal de muitos.

Dirás tu, Doroteu, que o nosso chefe
Não quer que os inocentes se maltratem;
Que o fero comandante é quem abusa
Dos poderes que tem. Prezado amigo,
Quem ama a sã verdade busca os meios

[cont.]

[cont.]

De a poder descobrir, e o nosso chefe
Despreza os meios de poder achá-la.
Qu' é deles, os processos, que nos mostram
A certeza dos crimes? Quais dos presos
Os libelos das culpas contestaram?
Quais foram os juízes, que inquiriram
Por parte da defesa e quais patronos
Disseram, de direito, sobre os fatos?
A santa lei do reino não consente
Punir-se, Doroteu, aquele monstro
Que é réu de majestade, sem defesa.
E podem ser punidos os vassalos
Por aéreos insultos, sem se ouvirem
E sem outro processo mais que o dito
De um simples comandante, vil e néscio?
Um louco, Doroteu, faz mais, ainda,
Do que nunca fizeram os monarcas;
Faz mais que o próprio Deus, que Deus, querendo
Punir, em nossos pais, a culpa grave,
Primeiro lhes pediu que lhe dissessem,
Qual foi do seu delito a torpe causa.

Passam, prezado amigo, de quinhentos
Os presos que se ajuntam na cadeia.
Uns dormem encolhidos sobre a terra,
Mal cobertos dos trapos, que molharam
De dia, no trabalho. Os outros ficam
Ainda mal sentados, e descansam
As pesadas cabeças sobre os braços,
Em cima dos joelhos encruzados.
O calor da estação e os maus vapores
Que tantos corpos lançam, mui bem podem
Emprestar, Doroteu, extensos ares.
A pálida doença aqui bafeja,
Batendo brandamente as negras asas.
Aquele, Doroteu, a quem penetra
Este hálito mortal, as forças perde,
Tem dores de cabeça e, num instante,

[cont.]

[cont.]

Abrasa-se em calor, de frio treme.
Fazem os seus deveres os afetos
Do nosso grão tenente: amor e ódio.
Aquele que, risonho, lhe trabalha
Nas suas próprias obras, é mandado
Curar-se à Santa Casa, como pobre.
Os outros tratados como servos,
Que fogem ao trabalho dos senhores:
Para as correntes vão, arracam pedra
E, quando algum fraqueia, o mal soldado
Dá-lhe um berro que atoa, a mão levanta
E, nas costas, o relho descarrega.

Ah! tu, piedade santa, agora, agora,
Os teus ouvidos tapa e fecha os olhos,
Ou foge de uma terra, aonde um Nero,
Aonde os seus sequazes, cada dia
Para o pranto te dão motivos novos.

O fogo, Doroteu, que vai moendo,
Depois de bem moer, a chama ateia
E a matéria consome, em breve instante.
Assim a podre febre corroendo
Aos míseros enfermos, pouco a pouco
Erguendo, qual o fogo, a lavareda,
À força do cansaço que resulta
Do trabalho e do sol, consome e mata.
Uns caem com os pesos que carregam,
E das obras os tiram pios braços
Dos tristes companheiros; outros ficam
Ali mesmo, nas obras, estirados.
Acodem mãos piedosas: qual trabalha
Por ver se pode abrir as grossas pegadas
E qual copo d'água lhes ministra,
Que, fechados os dentes, já não bebem.
Uns as caras borrifam, outros tomam
Os débeis pulsos que, parando, fogem.

[cont.]

[cont.]

Ah! Não mais compaixão! Não mais desvelo!

O socorro chegou, mas foi mui tarde:
Cobrem-se os membros de um suor já frio,
Os cheios peitos, arquejando, roncam
E vertem umas lágrimas sentidas,
Que só lhes descem dos esquerdos olhos;
Amarela-se a cor, baceia a vista,
O semblante se afila, o queixo afrouxa,
Os gestos e os arrancos se suspendem;
Nenhum mais bole, nenhum mais respira.

Assim, meu Doroteu, sem um remédio,
Sem fazerem despesa em um só caldo,
Sem sábio diretor, sem sacramentos,
Sem a vela na mão, na dura terra
Estes pobres acabam seus trabalhos.

Que esperas, duro chefe, que não contas
À corte os teus triunfos! Tu não podes
Mandar alqueires dos anéis, tirados
Dos dedos que cortaste nas campanhas;
Mas de algemas, de pegas e correntes,
Podes mandar à corte imensos carros.
Tu podes... mas, amigo, não gastemos
Todo o tempo em contar sentidas cousas,
Façamos menos triste a nossa história;
Misturemos os casos que magoam,
Com sucessos que sejam menos fortes.

Não bastam, Doroteu, galés imensas,
São outros mais socorros necessários
Para crescerem as soberbas obras.

Ordena o grande chefe, que os roceiros
E outros quaisquer homens, que tiverem
Alguns bois de serviço, prontos mandem
Os bois e mais os negros que os governem,
Durante uma semana de trabalho.
Ordena ainda mais, que neste tempo,
Não recebam jornal, antes, que tragam
O milho para os bois, dos seus celeiros.

[cont.]

[cont.]

Que é isto, Doroteu, abriste a boca?
Ficaste embasbacado? Não supunhas
Que o nosso grande chefe se saísse
Com uma tão formosa providência?
Nisto de economia é ele o mestre;
Está para compor uma obra, aonde
Quer o modo ensinar, de não gastarem
As tropas cousa alguma no sustento.
Deus o deixe viver, até que chegue
A pô-la, Doroteu, no mesmo estado
Em que estão os volumes, onde existem
Os despachos que deu no seu governo.
Ora, ouve ainda mais, atende e pasma.

Para se sustentarem os forçados
Os gêneros se comprem, com bilhetes
Que paga o tesoureiro, quando pode;
E sobre esta fiança, inda se tomam
Por muito menos preço do que correm.
As tropas que carregam mantimentos,
Apenas descarregam, vão, de graça,
À distante caieira, com soldados
Buscar queimada pedra. Daqui nasce
Os tropeiros fugirem e chorarmos
A grande carestia do sustento.

Responde, louco chefe, se tu podes
Tais violências fazer. Não era menos
Lançares sobre os povos um tributo?
Os homens que têm carros e os que vivem
De víveres venderem são, acaso,
Aos mais inferiores nos direitos?
Esta cadeia é sua, porque deva
Sobre eles carregar tamanho peso?
E o povo, quando compra tudo caro,
Não paga ainda mais do que pagara,
Se um módico tributo se lançasse,
À proporção dos bens de cada membro?
Amigo Doroteu, quem rege os povos
Deve ler, de contínuo, os doutos livros

[cont.]

[cont.]

E deve só tratar com sábios homens.
Aquele que consome as largas horas
Em falar com os néscios e peraltas,
Em meter entre as pernas os perfumes,
Em concertar as pontas dos lencinhos,
Não nasceu para cousas que são grandes,
Que, nestas bagatelas, não consomem
O tempo proveitoso as nobres almas.

Quem não quer, Doroteu, mandar o carro,
Co'ó famoso tenente se concerta.
Onde vai tal dinheiro ninguém sabe;
Só sabemos mui bem que o bom tenente,
Sem ter outro negócio que lhe renda,
De pingante, passou a potentado.
Sabemos também mais... Porém, amigo,
O falar nestas cousas já me enfada.
Omito outros sucessos, que lastimo,
E fecho, Doroteu, a minha carta
Com um maravilhoso, estranho caso.

Distante nove léguas desta terra
Há uma grande ermida, que se chama
Senhor de Matozinhos; este templo
Os devotos fiéis a si convoca
Por sua arquitetura, pelo sítio
E, ainda muito mais, pelos prodígios
Com que Deus enobrece a santa imagem.
Este famoso templo tem um carro,
Comprado com esmolas, que carrega
As pedras e madeiras, que ainda faltam.
O comandante austero notifica
A veneranda imagem, na pessoa
Do zeloso ermitão, para que mande
O carro, com os bois, servir nas obras,
Mal lhe couber o turno da semana.
Faz-se uma petição ao nosso chefe

[cont.]

[cont.]

Em nome do Senhor; em que se alega
Que o carro, que ele tem, se ocupa ainda
Na pia construção da sua casa;
Que ele, Cristo, não tem nenhuma rendas
Senão esmolas tênues, que só devem
Gastar-se no seu templo e no seu culto,
Conforme as intenções de quem as pede.
Apenas viu o chefe o peditório,
Quis ao Cristo mandar que lhe ajuntasse
O título que tinha, porque estava
Isento de pagar os seus impostos:
Que ele sabe mui bem que o mesmo Cristo
Mandou ao velho Pedro, que pagasse
A César os tributos em seu nome;
E Cristo, figurado em uma imagem,
Não tem mais isenções que teve o próprio.
Pegava o seu Matúcio já na pena,
Quando lembra ao bom chefe o que decretam
Os cânones da igreja, que concedem
Que, para se fazerem obras pias,
Até os sacros vasos se alienem.
Infere daqui logo que este carro
Não goza de isenção, porque, suposto
Se possa numerar nos bens da igreja,
Conforme as Decretais até podia,
Neste caso, vender-se, por ser obra
Mais pia do que todas, a cadeia.
Lança mão ele mesmo, então, da pena
E põe na petição um – *escusado* –
Com uns rabiscos tais, que ninguém sabe
Ao menos conhecer-lhe uma só letra.
Agora dirás tu: “Meu bom Critilo,
Não se isentar o Cristo desse imposto
Foi um grande tesão, mas necessário,
Por não se abrir a porta a maus exemplos.
Antes o Santo Cristo é que devia
Mandar o carro logo, como Mestre
Da sublime Virtude e, desta sorte,

[cont.]

[cont.]

Obrou o mesmo Cristo, em outro tempo,
Mandando que pagasse Pedro a César
O tributo, por ele, quando estava,
Por um dos filhos ser, mui bem isento.
Mas se esse Santo Cristo não podia
Por dias dispensar os bois e carro,
Porque não se valeu do tal Matúcio,
Do poeta Robério e de outros trastes,
Por quem aqui se conta, que pratica
O grande Fanfarrão os seus milagres?"
Tu instas, Doroteu, qual o mestraço
Quando, por defender a sua escola,
Arregaçando o braço, o pé batendo
E enchendo as cordoveias, grita e ralha.
Mas eu, prezado amigo, com bem pouco
Te boto esse argumento todo abaixo.
Em primeiro lugar, o Santo Cristo
É homem muito sério, e, por ser sério,
Não tem com essa gente um leve trato;
Em segundo lugar, é muito pobre,
Só dá aos seus devotos indulgências
Com anos de perdão e, destas drogas,
Não fazem tais validos nenhum caso.

Ora pois, louco chefe, vai seguindo
A tua pertensão, trabalha, e força
Por fazer imortal a tua fama;
Levanta um edifício em tudo grande,
Um soberbo edifício, que desperte
A dura emulação na própria Roma.
Em cima das janelas e das portas
Põe sábias inscrições, põe grandes bustos,
Que eu lhes porei, por baixo, os tristes nomes
Dos pobres inocentes, que gemeram
Ao peso dos grilhões, porei os ossos
Daqueles que os seus dias acabaram,
Sem Cristo e sem remédios, no trabalho.

E nós, indigno chefe, e nós veremos
A quais destes padrões não gasta o tempo.

Maria Firmina dos Reis

Maria Juliana Horta Soares

Maria Firmina dos Reis (São Luiz do Maranhão, 1825 – Guimarães/MA, 1917) é reconhecida como uma das primeiras mulheres escritoras brasileiras. Aos cinco anos mudou-se para Guimarães, onde passou toda sua vida. Autodidata, lia e escrevia fluentemente em francês. Exerceu por muitos anos o magistério, chegando a receber o título de mestra régia (professora concursada). No início da década de 1880, funda em Maçarico (MA) a primeira escola mista e gratuita do país, fechada alguns anos depois devido à polêmica que gerou na cidade.

Maria Firmina publicou, na imprensa local, poesias, contos, crônicas, enigmas e charadas. Também atuou como folclorista, ajudando a preservar textos da literatura oral, e como compositora, escrevendo letra e música de um hino sobre a abolição da escravatura, do qual trazemos um excerto nesta antologia. Sua bibliografia inclui os romances *Gupeva* (1861), de temática indianista, publicado inicialmente no jornal *O Jardim dos Maranhenses*, e republicado nos jornais *Porto Livre* (1863) e *Echo da Juventude* (1865); *Úrsula* (1859), no qual trata a temática da escravidão; e o livro de poesias *Cantos à beira mar* (1871). Participou ainda da antologia poética *Parnaso maranhense* (1861). Para essa antologia, selecionamos dois poemas da escritora, os quais acreditamos estarem diretamente ligados à temática do trabalho escravo. No caso de "Hino à liberdade dos escravos", do qual conseguimos resgatar somente um trecho, a associação é explícita: Maria Firmina canta a abolição

da escravatura. Já em "O meu desejo", pede ao poeta que cante, entre outras temáticas, a liberdade, tema que implicitamente se associa, também, à abolição.

Hino à liberdade dos escravos

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!¹

O meu desejo

A um jovem poeta guimaraense

Na hora em que vibrou a mais sensível
Corda de tu'alma – a da saudade,
Deus mandou-te, poeta, um alaúde,
E disse: Canta amor na soledade.
Escuta a voz do céu, – eia, cantor,
Desfere um canto de infinito amor.

Canta os extremos duma mãe querida,
Que te idolatra, que te adora tanto!
Canta das meigas, das gentis irmãs,
O ledoriso de celeste encanto;
E ao velho pai, que tanto amor te deu,
Grato oferece-lhe o alaúde teu.

¹ Trecho do poema retirado de <<http://www.lettras.ufmg.br/literafr/>>. Não foi possível encontrar o poema na íntegra.

E a liberdade, – oh! poeta, – canta,
Que fora o mundo a continuar nas trevas?
Sem ela as letras não teriam vida,
menos seriam que no chão as relvas:
Toma por timbre liberdade, e glória,
Teu nome um dia viverá na história.

Canta, poeta, no alaúde teu,
Ternos suspiros da chorosa amante;
Canta teu berço de saudade infinda,
Funda lembrança de quem está distante:
Afina as cordas de gentis primores,
Dá-nos teus cantos trescalando odores.

Canta do exílio com melífluo acento,
Como Davi a recordar saudade;
Embora ao riso se misture o pranto;
Embora gemas em cruel soidade...
Canta, poeta, – teu cantar assim,
Há de ser belo enlevador enfim.

Nos teus harpejos juvenil poeta,
Canta as grandezas que se encerram em Deus,
Do sol o disco, – a merencória lua,
Mimosos astros a fulgir nos céus;
Canta o Cordeiro, que gemeu na Cruz,
Raio infinito de esplendente luz.

Canta, poeta, teu cantar singelo,
Meigo, sereno com um riso d'anjos;
Canta a natureza, a primavera, as flores,
Canta a mulher a semelhar arcanjos.
Que Deus envia à desolada terra,
Bálsamo santo, que em seu seio encerra.

Canta, poeta, a liberdade, – canta.
Que fora o mundo sem fanal tão grato...
Anjo baixado da celeste altura,
Que espanca as trevas deste mundo ingrato.
Oh! sim, poeta, liberdade, e glória
Toma por timbre, e viverás na história.

.....

Eu não te ordeno, te peço,
Não é querer, é desejo;
São estes meus votos – sim.
Nem outra cousa eu almejo.
E que mais posso eu querer?
Ver-te Camões, Dante ou Milton,
Ver-te poeta – e morrer.

Luiz Gama

Priscila Lopes Viana

Lucas Retes

Luiz Gonzaga Pinto da Gama (Salvador, 1830 – São Paulo, 1882) era filho de uma escrava alforriada e um aristocrata de ascendência portuguesa. Vendido ilegalmente pelo pai em 1840, ele foi transportado para Santos (SP), onde foi comprado pelo contrabandista e alferes Antônio Pereira Cardoso. O alferes tentou revender a criança, que foi rejeitada por muitos senhores de escravos por sua origem baiana, diretamente associada a revoltas de escravos, como a Revolta dos Malês e a Sabinada, nas quais, por coincidência, a mãe de Luiz Gama, Luíza Mahin, teve participação ativa. Viveu na fazenda do alferes, no Vale do Paraíba paulista, em regime de escravidão, até ser alfabetizado e provar a ilegalidade de sua condição de escravo, já que era filho de uma negra liberta. Livre, ingressou em 1848 no Exército Brasileiro, alcançando o posto de cabo graduado em 1854. Foi também copista e amanuense, profissões relacionadas à escritura do texto. Por volta de 1850, frequentou o curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, porém não chegou a formar-se. Trabalhou como rábula (advogado que não possui diploma) do fórum de São Paulo, destacando-se na defesa de negros escravizados. Em 1860, tornou-se jornalista de renome, fundando em 1869, ao lado de Rui Barbosa, o jornal *Radical Paulistano*. Teve um forte convívio com o poeta Castro Alves, que então era um jovem estudante de Direito. Participou, em 1873, da criação do Partido Republicano Paulista, ao qual se manteve ligado até falecer, deixando admiradores e contribuindo para lançar as bases do movimento abolicionista.

Publicou as obras *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1859), *O moralista* (s/d), editadas no *Almanaque literário* de São Paulo, *Diabo coxo* (1864) e diversas outras publicadas em jornais da época. A sexta edição das *Trovas*, que recebeu o título de *Luiz Gama e suas poesias satíricas*, foi publicada em 1974 juntamente com uma biografia do autor realizada por João Romão da Silva. Sua carreira jurídica é exaltada em todos os meios, mas poucos reconhecem seu talento como poeta. Muitos de seus poemas satíricos, no entanto, são reconhecidos pela crítica, como “Quem sou eu”, em que ele escarnece a elite de seu tempo. Luís Gama também escreveu versos líricos, de teor romântico, como “Minha mãe”, “A cativa” e “No Cemitério de São Benedito”.

Coleirinho

Assim o escravo agrilhado canta.

(Tíbulo)

Canta, canta Coleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga mágoa tanta
Nessa voz de dor partida;
Chora, escravo, na gaiola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que, sem pai, no agreste ninho,
Lá ficou sem ti, sem vida.

Quando a roxa aurora vinha
Manso e manso, além dos montes,
De ouro orlando os horizontes,
Matizando as crespas vagas,
– Junto ao filho, à meiga esposa
Docemente descantavas,
E na luz do sol banhavas
Finas penas – noutras plagas.

Hoje triste já não trinas,
Como outr’ora nos palmares;
Hoje, escravo, nos solares
Não te embala a dúlia brisa;
Nem se casa aos teus gorjeios
O gemer das gotas alvas
– Pelas negras rochas calvas –
Da cascata que desliza.

Não te beija o filho tenro,
Não te inspira a fonte amena,
Nem dá lua a luz serena
Vem teus ferros pratear.
Só de sombras carregado,
Da gaiola no poleiro
Vem o tredo cativoiro,
Mágoas e prantos acordar.

Canta, canta Coleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga mágoa tanta
Nessa voz de dor partida;
Chora, escravo, na gaiola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que sem pai, no agreste ninho,
Lá ficou sem ti, sem vida.

Que mundo é este?

Que mundo? Que mundo é este?
Do fundo seio d'est'alma
Eu vejo... que fria calma
Dos humanos na fereza!
Vejo o livre, feito escravo
Pelas leis da prepotência;
Vejo a riqueza em demência
Postergando a natureza.

Vejo o vício entronizado;
Vejo a virtude caída,
E de coroas cingida
A estátua fria do mal;
Vejo os traidores em chusma
Vendendo as almas impuras,
Remexendo as sepulturas
Por preço d'áureo metal.

Vejo fidalgos d'estopa,
Ostentando os seus brasões,
Feio enxerto de dobrões
Nos troncos da fidalguia;
Vejo este mundo às avessas,
Seguindo fatal derrota,
Em quando farfante arrota
Podres grandezas de um dia!

Brônzea estátua – o rico surdo
Aos tristes ais da pobreza
Amostra com vil rudeza
Uma burra aferrolhada;
Manequim de estupidez
No orgulho vão da cobiça
Tem por divisa cediça
– Alguns vinténs e mais nada.

O poder é só dos Cresos,
A ciência é de encomenda;
Sem capital e sem renda
Com pouco peso – o que *val*?
Talentos – palavras ociosas! –
Que nunca deixaram saldo;
Não há sustância no caldo
Que não tempera o metal!

Sisudez... que feia máscara!
Isso é peste, isso é veneno!
Se é pobre, nasceu pequeno,
Quem aspira à posição?!
Não vê que é grande toleima
Querer subir sem moeda,
Pois não escapa de queda
Quem teve um leito no chão!

Que se empertigue enfunado
Algum sandeu que traz marca...
Reparem que a bisca embarca
Que leva à vela o batel!
E o povo que o vê fulgindo
Com lantejoulas brilhantes
Não olha p'ra o que foi d'antes,
E nem lhe enxerga o xarel!

E o mais é que zune e grasna
O pateta aparvalhado!
Parece que é deputado
Os ministros fulminando;
Grita, berra, espinoteia,
Calunia, faz intriga,
Mas logo fala a barriga,
E vai a teta chupando!

Digam lá o que quiserem
Fale embora o maldizente;
Eu bem sei que tudo mente,
Sei que o mundo tem razão;
Se eu tivesse na algibeira
Alguns cobres, que ventura! –
Mudava o nome, a figura,
Ficava logo Barão!

A cativa

*Nos olhos lhe mora,
Uma graça viva,
Para ser senhora
De quem é cativa.
(Camões)*

Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a cor,
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor.

Ledo o rosto, o mais formoso,
De trigueira coralina,
De Anjo à boca, os lábios breves
Cor de pálida cravina.

Em carmim rubro engastados
Tinha os dentes cristalinos;
Doce a voz, qual nunca ouvira,
Dúlios bardos matutinos.

Seus ingênuos pensamentos
São de amor juras constantes;
Entre a nuvem das pestanas
Tinha dois astros brilhantes.

As madeixas crespas, negras,
Sobre o seio lhe pendiam,
Onde os castos pomos de ouro
Amorosos se escondiam.

Tinha o colo acetinado
– Era o corpo uma pintura –
E no peito palpitante
Um sacrário de ternura.

Límpida alma – flor singela
Pelas brisas embalada,
Ao dormir d'alvas estrelas,
Ao nascer da madrugada.

Quis beijar-lhe as mãos divinas,
Afastou-mas – não consente;
A seus pés de rojo pus-me
– Tanto pode o amor ardente!

Não te afastes, lhe suplico,
És do meu peito rainha;
Não te afastes, neste peito
Tens um trono, mulatinha!...

Vi-lhe as pálpebras tremerem,
Como treme a flor louçã,
Embalando as néveas gotas
Dos orvalhos da manhã.

Qual na rama enlanguescida
Pudibunda sensitiva,
Suspirando ela murmura;
Ai, senhor, eu sou cativa!...

Deu-me as costas, foi-se embora
Qual da tarde do arrebol
Foge a sombra de uma nuvem
Ao cair da luz do sol.

Minha mãe

*Minha mãe era mui bela,
Eu me lembro tanto dela,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas,
Suas palavras sagradas
C'os risos que ela me deu.
(Junqueira Freire)*

Era mui bela e formosa,
Era a mais linda pretinha,
Da adusta Líbia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Oh, que saudades que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c'os tenros filhinhos
Ela sorrindo brincava.

Éramos dois – seus cuidados,
Sonhos de sua alma bela;
Ela a palmeira singela,
Na fulva areia nascida.
Nos roliços braços de ébano,
De amor o fruto apertava,
E à nossa boca juntava
Um beijo seu, que era vida.

Quando o prazer entreabria
Seus lábios de roxo lírio,
Ela fingia o martírio
Nas trevas da solidão.
Os alvos dentes nevados
Da liberdade eram mito,
No rosto a dor do aflito,
Negra a cor da escravidão.

Os olhos negros, altivos,
Dois astros eram luzentes;
Eram estrelas cadentes
Por corpo humano sustidas.
Foram espelhos brilhantes
Da nossa vida primeira,
Foram a luz derradeira
Das nossas crenças perdidas.

Tão ternas como a saudade
No frio chão das campinas,
Tão meiga como as boninas
Aos raios do sol de abril.
No gesto grave e sombrio,
Como a vaga que flutua,
Plácida a mente – era a Lua
Refletindo em céus de anil.

Suave o gênio, qual rosa
Ao despontar da alvorada,
Quando treme enamorada
Ao sopro d'aura fagueira.
Brandinha a voz sonora,
Sentida como a Rolinha,
Gemendo triste sozinha,
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledó o semblante,
De encantos sorria a fronte,
– Baça nuvem no horizonte
Das ondas surgindo à flor;
Tinha o coração de santa,
Era seu peito de Arcanjo,
Mais pura n'alma que um Anjo,
Aos pés de seu Criador.

Se junto à cruz penitente,
A Deus orava contrita,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro,
As lágrimas que brotavam,
Eram pérolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do cativo.

No Cemitério de S. Benedito

Da cidade de S. Paulo

*Também do escravo a humilde sepultura
Um gemido merece de saudade:
Ah caia sobre ela uma só lágrima
De gratidão ao menos.*

(Dr. Bernardo Guimarães)

Em lúgubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silêncio aos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adorna,
Jaz de terra coberto humano corpo,
Que escravo sucumbiu, livre nascendo!
Das hórridas cadeias desprendido,
Que só forjam sacrílegos tiranos,
Dorme o sono feliz da eternidade.

Não cercam a morada lutuosa
Os salgueiros, os fúnebres ciprestes,
Nem lhe guarda os umbrais da sepultura
Pesada laje de espartano mármore,
Somente levantado em quadro negro
Epitáfio se lê, que impõe silêncio!
– Descansam neste lar caliginoso
O mísero cativo, o desgraçado!...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tirania,
Nem ofuscando a luz da sã verdade
Eleva o crime, perpetua a infâmia.

Aqui não se ergue altar ou trono d'ouro
Ao torpe mercador de carne humana.
Aqui se curva o filho respeitoso
Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cai-lhe dos olhos revelando mudo
A história do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mistério,
Faz-se o cetro bordão, andrajo a túnica,
Mendigo o rei, o potentado escravo!

Saudades do escravo

Escravo – não, não morri
Nos ferros da escravidão;
Lá nos palmares vivi,

Tenho livre o coração!
Nas faces ensanguentadas
Sinto as torturas de cá;
Deste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu – ficou-me lá!...

Naquelas quentes areias
Naquela terra de fogo,
Onde livre de cadeias
Eu corria em desfogo...
Lá nos confins do horizonte
Lá nas planícies... nos montes...
Lá nas alturas do céu...

De sobre a mata florida
Esta minh'alma perdida
Não veio – só parti eu.

A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minh'alma que lá só vive
Tornou-me a face sombria,
O zunir de fero açoite
Por estas sombras da noite
Não chega; não, aos palmares!
Lá tenho terras e flores...
Minha mãe... os meus amores...
Nuvens e céus... os meus lares!

Não perdi-a – que é mentira
Que eu viva aqui onde estou;
À toda hora suspira
Meu coração – pra lá vou!
Oíço as feras da floresta,
Em feia noite como esta
Enchendo o ar de pavor!
Oíço, oh! oíço entre meus prantos
Além dos mares os cantos
Das minhas aves de amor!

Oh! nuvem da madrugada,
Oh! viração do arrebol.
Leva meu corpo à morada
Daquela terra do sol!

Morto embora nas cadeias
Vai pousá-lo nas areias
Daqueles planos d'além,
Onde me chorem gemidos,
Pobres ais, prantos sentidos,
Na sepultura que tem!

Escravo – não, ainda vivo,
Inda espero a morte ali:
Sou livre embora cativo,
Sou livre, inda não morri!
Meu coração bate ainda.
Nesse bater que não finda;
Sou homem – Deus o dirá!
Deste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu – ficou-me lá!

Machado de Assis

Fernanda Barbosa Moraes

Lucas Morais Retes

Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839-1908), filho de um pintor e uma lavadeira, teve desde muito cedo diversas atividades profissionais, desde vendedor de doces e aprendiz de tipógrafo – que foi seu primeiro trabalho diretamente ligado à escrita, da qual nunca mais se afastaria profissionalmente, e sua segunda atividade no serviço público, em que ingressou como faxineiro na Imprensa Nacional – até as mais qualificadas, como funcionário público de elevada responsabilidade e cronista assíduo na imprensa cotidiana. Publicou tanto textos jornalísticos, como crônicas, quanto literários (neste caso, em todos os gêneros) até o fim de sua vida. Um entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, foi seu primeiro presidente.

Da sua obra poética, reunida em quatro volumes (*Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas* e *Ocidentais*), esta antologia traz três poemas, os quais apresentam os temas do trabalho e das relações entre trabalhador e empregador (quase sempre senhor de escravos, no Brasil da época), temática presente na vida do próprio Machado de Assis. Nestes poemas é possível observar um ponto de vista peculiar em relação aos trabalhadores, apresentados não apenas como pessoas que lutam, sofrem e morrem – como são frequentemente retratados por contemporâneos de Machado – mas como vencedores: os trabalhadores personagens de Machado vencem a luta pela sobrevivência e até mesmo, no caso de “Espinosa” (que trata do filósofo holandês Baruc Espinosa), pelo sucesso no trabalho, tanto intelectual quanto manual. Já em “Sabina”, Machado constrói

um romance sob os moldes versificados de um poema, articulando assim diferentes gêneros literários.

13 de maio

Brasileiros, pesai a longa vida
Da nossa pátria, e a curta vida nossa;
Se há dor que possa remorder, que possa
Odiar uma campanha, ora vencida,
Longe essa dor e os ódios seus extremos;
Vede que aquele doloroso orvalho
De sangue nesta guerra não vertemos...
União, brasileiros! E entoemos

O hino do trabalho.

Os semeadores

(Século XVI)

... Eis aí saiu o que semeia a semear...

(MAT., XIII, 3.)

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fruto e a flor,
Acaso esqueceréis os ásperos e amargos
Tempos do semeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;
Contudo, esses heróis
Souberam resistir na afanosa porfia
Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,
E a fé, e as orações
Fizeram transformar a terra pobre em rica
E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,
O frio, a descalcez,
O morrer cada dia uma morte sem nome,
O Morrê-la, talvez,

Entre bárbaras mãos, como se fora crime,
Como se fora réu
Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime
De as levantar ao céu!

Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!
Venceste-la; e podeis
Entre as dobras dormir da secular mortalha;
Vivereis, vivereis!

Espinosa

Gosto de ver-te, grave e solitário,
Sob o fumo de esqualida candeia,
Nas mãos a ferramenta de operário,
E na cabeça a coruscante ideia.

E enquanto o pensamento delinea
Uma filosofia, o pão diário
A tua mão a labutar granjeia
E achas na independência o teu salário.

Soem cá fora agitações e lutas,
Sibile o bafo aspérrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas, e executas

Sóbrio, tranquilo, desvelado e terno,
A lei comum, e morres, e transmutas
O suado labor no prêmio eterno.

Daqui deste âmbito estreito

Daqui, deste âmbito estreito,
Cheio de risos e galas,
Daqui, onde alegres falas
Soam na alegre amplidão,
Volvei os olhos, volvei-os
A regiões mais sombrias,
Vereis cruéis agonias,
Terror da humana razão.

Trêmulos braços alçando,
Entre os da morte e os da vida,
Solta a voz esmorecida,
Sem pão, sem água, sem luz,
Um povo de irmãos, um povo
Desta terra brasileira,
Filhos da mesma bandeira,
Remidos na mesma cruz.

A terra lhes foi avara,
A terra a tantos fecunda;
Veio a miséria profunda,
A fome, o verme voraz.
A fome? Sabeis acaso
O que é a fome, esse abutre
Que em nossas carnes se nutre
E a fria morte nos traz?

Ao céu, com trêmulos lábios,
Em seus tormentos atrozes
Ergueram súplices vozes,
Gritos de dor e aflição;
Depois as mãos estendendo,
Naquela triste orfandade,
Vêm implorar caridade,
Mais que à bolsa, ao coração.

O coração... sois vós todos,
Vós que as súplicas ouvistes;
Vós que às misérias tão tristes
Lançais tão espesso véu.
Choverão bênçãos divinas
Aos vencedores da luta:
De cada lágrima enxuta
Nasce uma graça do céu.

Sabina

Sabina era mucama da fazenda;
Vinte anos tinha; e na província toda
Não havia mestiça mais à moda,
Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para trabalho rude;
Desbrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,
Que com ela brincou sendo menina,
Sebre todas amava esta Sabina,
Com esse ingênuo e puro amor da roça.

Dizem que à noite, a suspirar na cama,
Pensa nela o feitor; dizem que, um dia,
Um hóspede que ali passado havia,
Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma joia no pescoço?
Não pôde haver o coração da bela.
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,
É pessoa maior: é o senhor moço.

Ora, Otávio cursava a Academia.
Era um lindo rapaz; a mesma idade
Coas passageiras flores o adornava
De cujo extinto aroma inda a memória
Vive na tarde pálida do outono.
Oh! vinte anos! Ó pombas fugitivas
Da primeira estação, porque tão cedo
Voais de nós? Pudesse ao menos a alma
Guardar consigo as ilusões primeiras,
Virgindade sem preço, que não paga
Essa descolorida, árida e seca
Experiência do homem!

Vinte anos
Tinha Otávio, e a beleza e um ar de corte,
E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;
Um vero Adônis, como aqui diria
Algum poeta clássico, daquela
Poesia que foi nobre, airosa e grande
Em tempos idos, que ainda bem se foram...

Cursava a Academia o moço Otávio;
Ia no ano terceiro, não remoto
Via desenrolar-se o pergaminho,
Prêmio de seus labores e fadigas;
E uma vez bacharel, via mais longe
Os curvos braços da feliz cadeira
Donde o legislador a rédea empunha
Dos lépidos frisões do Estado. Entanto,
Sobre os livros de estudo, gota a gota
As horas despendia, e trabalhava
Por meter na cabeça o jus romano
E o pátrio jus. Nas suspiradas férias
Volvia ao lar paterno; ali no dorso
De brioso corcel corria os campos,
Ou, arma ao ombro, polvorinho ao lado,
À caça dos veados e cutias,
Ia matando o tempo. Algumas vezes
Com o padre vigário se entretinha

[cont.]

[cont.]

Em desfiar um ponto de intrincada
Filosofia, que o senhor de engenho,
Feliz pai, escutava glorioso,
Como a rever-se no brilhante aspecto
De suas ricas esperanças.

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito
Otávio; em quatro sorvos toda esgota
A taça de café. Chapéu de palha,
E arma ao ombro, lá foi terreiro fora,
Passarinhar no mato. Ia costeando
O arvoredado que além beirava o rio,
A passo curto, e o pensamento à larga,
Como leve andorinha que saísse
Do ninho, a respirar o hausto primeiro
Da manhã. Pela aberta da folhagem,
Que inda não doura o sol, uma figura
Deliciosa, um busto sobre as ondas
Suspende o caçador. Mãe d'água fora,
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos
Imitasse a do céu; se a tez morena,
Morena como a esposa dos Cantares,
Alva tivesse; e raios de ouro fossem
Os cabelos da cor da noite escura,
Que ali soltos e úmidos lhe caem,
Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,
Cabelo negro, os largos olhos brandos
Cor de jabuticaba, quem seria,
Quem, senão a mucama da fazenda,
Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,
E nela os olhos espantados fita
Que desejos acendem. – Mal cuidando
Daquele estranho curioso, a virgem
Com os ligeiros braços rompe as águas,
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,
Talhado pela mão da natureza
Sobre o modelo clássico. Na oposta

[cont.]

[cont.]

Riba suspira um passarinho; e o canto,
E a meia luz, e o sussurrar das águas,
E aquela fada ali, tão doce vida
Davam ao quadro, que o ardente aluno
Trocara por aquilo, uma hora ao menos,
A Faculdade, o pergaminho e o resto.

Súbito erige o corpo a ingênua virgem.
Com as mãos, os cabelos sobre a espádua
Deita, e rasgando lentamente as ondas,
Para a margem caminha, tão serena,
Tão livre como quem de estranhos olhos
Não suspeita a cobiça... Véu da noite,
Se lhos cobrira, dissipara acaso
Uma história de lágrimas. Não pode
Furtar-se Otávio à comoção que o toma;
A clavina que a esquerda mal sustenta
No chão lhe cai; e o baque surdo acorda
A descuidada nadadora. Às ondas
A virgem torna. Rompe Otávio o espaço
Que os divide; e de pé, na fina areia,
Que o mole rio lambe, ereto e firme,
Todo se lhe descobre. Um grito apenas
Um só grito, mas único, lhe rompe
Do coração; terror, vergonha... e acaso
Prazer, prazer misterioso e vivo
De cativa que amou silenciosa,
E que ama e vê o objeto de seus sonhos,
Ali com ela, a suspirar por ela.

“Flor da roça nascida ao pé do rio,
Otávio começou – talvez mais bela
Que essas belezas cultas da cidade,
Tão cobertas de joias e de sedas,
Oh! não me negues teu suave aroma!

Fez-te cativa o berço; a lei somente
Os grilhões te lançou, no livre peito

[cont.]

[cont.]

De teus senhores tens a liberdade,
A melhor liberdade, o puro afeto
Que te elegeu entre as demais cativas,
E de afagos te cobre! Flor do mato,

Mais viçosa do que essas outras flores
Nas estufas criadas e nas salas,
Rosa agreste nascida ao pé do rio,
Oh! não me negues teu suave aroma!”

Disse, e da riba os cobiçosos olhos
Pelas águas estende, enquanto os dela,
Cobertos pelas pálpebras medrosas
Choram, – de gosto e de vergonha a um tempo, –
Duas únicas lágrimas. O rio
No seio as recebeu; consigo as leva,
Como gotas de chuva, indiferente
Ao mal ou bem que lhe povoa a margem;
Que assim a natureza, ingênua e dócil
Às leis do Criador, perpétua segue
Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem
Padecer e saber que sente e morre.

Pela azulada esfera inda três vezes
A aurora as flores derramou, e a noite
Veze três a mantilha escura e larga
Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,
Anjo das virgens, anjo de asas brancas,
Pudor, onde te foste? A alva capela
Murcha e desfeita pelo chão lançada,
Coberta a face do rubor do pejo,
Os olhos com as mãos velando, alçaste
Para a Eterna Pureza o eterno voo.
Quem ao tempo cortar pudera as asas
Se deleitoso voa? Quem pudera
Suster a hora abençoada e curta
Da ventura que foge, e sobre a terra
O gozo transportar da eternidade?

[cont.]

[cont.]

Sabina viu correr tecidos de ouro
Aqueles dias únicos na vida
Toda enlevo e paixão, sincera e ardente
Nesse primeiro amor d’alma que nasce
E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,
Consciência; razão, tu lhe fechavas
A vista interior; e ela seguia
Ao sabor dessas horas mal furtadas
Ao cativo e à solidão, sem vê-lo
O fundo abismo tenebroso e largo
Que a separa do eleito de seus sonhos,
Nem pressentir a brevidade e a morte!
E com que olhos de pena e de saudade
Viu ir-se um dia pela estrada fora
Otávio! Aos livros torna o moço aluno,
Não cabisbaixo e triste, mas sereno
E lépido. Com ela a alma não fica
De seu jovem senhor. Lágrima pura,
Muito embora de escrava, pela face
Lentamente lhe rola, e lentamente
Toda se esvai num pálido sorriso
De mãe.

Sabina é mãe; o sangue livre
Gira e palpita no cativo seio
E lhe paga de sobra as dores cruas
Da longa ausência. Uma por uma, as horas
Na solidão do campo há de contá-las,
E suspirar pelo remoto dia
Em que o veja de novo... Pouco importa,
Se o materno sentir compensa os males.

Riem-se dela as outras; é seu nome
O assunto do terreiro. Uma invejosa
Acha-lhe uns certos modos singulares
De senhora de engenho, um pajem moço,
De cobiça e ciúme devorado,
Desfaz nas graças que em silêncio adora
E consigo medita uma vingança.
Entre os parceiros, desfiando a palha
Com que entrança um chapéu, solenemente
Um Caçanje ancião refere aos outros
Alguns casos que viu na mocidade
De cativas amadas e orgulhosas
Castigadas do céu por seus pecados,
Mortas entre os grilhões do cativo.

Assim falavam eles; tal o aresto
Da opinião. Quem evitá-lo pode
Entre os seus, por motivo baixo que a fortuna
Haja tecido o berço? Assim falavam
Os cativos do engenho; e porventura
Sabina o soube e o perdoou.

Volveram

Após os dias da saudade os dias
Da esperança. Ora, quis fortuna adversa
Que o coração do moço, tão volúvel
Como a brisa que passa ou como as ondas,
Nos cabelos castanhos se prendesse
De donzela gentil, com quem atara
O laço conjugal: uma beleza
Pura, como o primeiro olhar da vida,
Uma flor desbrochada em seus quinze anos,
Que o moço viu num dos serões da corte
E cativo adorou. Que há de fazer-lhes
Agora o pai? Abençoar os noivos
E ao regaço trazê-los da família.

Oh! longa foi, longa e ruidosa a festa
Da fazenda, por onde alegre entrara
O moço Otávio conduzindo a esposa.
Viu-os chegar Sabina, os olhos secos,
Atônita e pasmada. Breve o instante
Da vista foi. Rápido foge. A noite
A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;
Voa, não corre, ao malfadado rio,
Onde a voz escutou do amado moço.
Ali chegando: "Morrerá comigo
O fruto de meu seio; a luz da terra
Seus olhos não verão; nem ar da vida
Há de aspirar.."

Ia a cair nas águas,

Quando súbito horror lhe toma o corpo;
Gelado o sangue e trêmula recua,
Vacila e tomba sobre a relva. A morte
Em vão a chama e lhe fascina a vista;
Vence o instinto de mãe. Erma e calada
Ali ficou. Viu-a jazer a lua
Largo espaço da noite ao pé das águas,
E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;
Nenhum deles, contudo, o disse à aurora.

Fagundes Varela

Luciana Martins Arruda

Luiz Paixão de Lima Borges

Luís Nicolau Fagundes Varela (Rio de Janeiro, 1841-1875) chegou a se matricular em Direito, mas abandonou o curso e se dedicou à literatura. Principais obras: *Noturnas* (1861); *Vozes da América* (1864); *Cantos e fantasias* (1865); *Cantos meridionais* e *Cantos do ermo e da cidade* (1869). Deixou inédito *Anchieta ou Evangelho na selva* (1875), *O diário de Lázaro* (1880) e outras poesias.

Fagundes Varela, nos poemas "Mauro, o escravo" e "O escravo", tematiza a angústia e o sofrimento dos negros escravizados pelos senhores das fazendas. Relacionados à escravidão surgem outros temas como a natureza, os abusos sexuais, a morte, a hierarquia (senhor *versus* escravo) e o abolicionismo.

O escravo

Ao Sr. Tomaz de Aquino Borges

Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso
Cujo dedo imortal
Gravou-te sobre a testa bronzeada
O sigilo fatal!
Dorme! Se a terra devorou sedenta
De teu rosto o suor,
Mãe compassiva agora te agasalha
Com zelo e com amor.

Ninguém te disse o adeus da despedida,
Ninguém por ti chorou!
Embora! A humanidade em teu sudário
Os olhos enxugou!
A verdade luziu por um momento
De teus irmãos à grei:
Se vivo foste escravo, és morto... livre
Pela suprema lei!

Tu suspiraste como o hebreu cativo
Saudoso do Jordão,
Pesado achaste o ferro da revolta,
Não o quiseste, não!
Lançaste-o sobre a terra inconsciente
De teu próprio poder!
Contra o direito, contra a natureza,
Preferiste morrer!

Do augusto condenado as leis são santas,
São leis porém de amor:
Por amor de ti mesmo e dos mais homens
Preciso era o valor...
Não o tiveste! Os ferros e os açoites
Mataram-te a razão!
Dobrado cativo! A teus algozes
Dobrada punição!

Por que nos teus momentos de suplício,
De agonia e de dor,
Não chamaste das terras africanas
O vento assolador?
Ele traria a força e a persistência
À tu'alma sem fé,
Nos rugidos dos tigres de Benguela,
Dos leões de Guiné!...

Ele traria o fogo dos desertos,
O sol dos areais,
A voz de teus irmãos viril e forte,
O brado de teus pais!
Ele te sopraria às moles fibras
A raiva do sono
Quando agitando as crinas inflamadas
Fustiga a solidão!

Então erguerias resoluto a fronte,
E, grande em teu valor,
Mostrarias que em teu seio inda vibrava
A voz do Criador!
Mostrarias que das sombras do martírio
Também rebenta a luz!
Oh! teus grilhões seriam tão sublimes,
Tão santos como a cruz!

Mas morreste sem lutas, sem protestos,
Sem um grito sequer!
Como a ovelha no altar, como a criança
No ventre da mulher!
Morreste sem mostrar que tinhas n'alma
Uma chispa do céu!
Como se um crime sobre ti pesasse!
Como se foras réu!

Sem defesa, sem preces, sem lamentos,
Sem círios, sem caixão,
Passaste da senzala ao cemitério!
Do lixo à podridão!
Tua essência imortal onde é que estava?
Onde as leis do Senhor?
Digam-no o tronco, o látego, as algemas
E as ordens do feitor!

Digam-no as ambições desenfreadas,
A cobiça fatal,
Que a eternidade arvoram nos limites
De um círculo mortal!
Digam-no o luxo, as pompas e grandezas,
Lacaios e brasões,
Tesouros sobre o sangue amontoados,
Paços sobre vulcões!

Digam-no as almas vis das prostitutas,
O lodo e o cetim,
O demônio do jogo, a febre acesa
Em ondas de rubim!...
E no entanto tinhas um destino,
Uma vida, um porvir,
Um quinhão de prazeres e venturas
Sobre a terra a fruir!

Eras o mesmo ser, a mesma essência
Que teu bárbaro algoz;
Foram seus dias de rosada seda,
Os teus de atro retrós...¹
Pátria, família, ideias, esperanças,
Crenças, religião,
Tudo matou-te, em flor no íntimo d'alma,
O dedo da opressão!

¹ Vale ressaltar que a grafia antiga da palavra é *retroz*, que, além de rimar, harmoniza-se graficamente com *algoz*. *Atro* (negro, escuro) *retrós* (fio ou fios de seda torcidos, ou de algodão mercerizado etc. para costura) contrapõe-se no poema à expressão "rosada seda".

Tudo, tudo abateu sem dó, nem pena!
Tudo, tudo, meu Deus!
E teu olhar à lama condenado
Esqueceu-se dos céus!...
Dorme! Bendito o arcanjo tenebroso
Cuja cifra imortal,
Selando-te o sepulcro, abriu-te os olhos
À luz universal!

Mauro, o escravo

(Fragmentos de um poema)²

A sentença

I
Na sala espaçosa, cercado de escravos,
Nascidos nas selvas, robustos e bravos,
Mas presas agora de infundo terror,
Lotário pensava, Lotário o potente,
Lotário o opulento, soberbo e valente,
De um povo de humildes tirano e senhor.

II
Nas rugas da fronte fatídica e rude
Não tinham-lhe as rosas de longa virtude
Do tempo os vestígios lavado em perfumes;
Mas ah! fria nuvem de horror as cobria,
Nublava-lhe o rosto, mais negros fazia
Dos olhos ardentes os férvidos lumes.

² Poema composto de quatro partes: A Sentença, O suplício, A vingança e Visão. A sentença é composta de 27 sextilhas.

III

No inverno da vida, dos tempos passados
Ninguém lhe sabia. Boatos ousados
Erguiam-se às vezes; mas ah! que diziam?
Lotário era grande; seus bosques passavam
Das serras além; seus campos brotavam
Riquezas imensas que a tudo cobriam.

IV

Depois é tão fácil na sombra noturna
O inseto esmagar-se, de voz importuna,
Que o ouvido nos enche de tédio e de nojo!
Um gesto... uma espera... na estrada uma cruz...
Só sabem-no as selvas, os fossos sem luz
E as serpes que a plaga percorrem de rojo.

V

Na sala espaçosa Lotário pensava.
Roberto, seu filho, de um lado esperava
Tremendo, ansioso, que o pai lhe falasse.
A turba de servos imóveis, silentes,
Os braços cruzados, as frentes pendentes,
A voz aguardava que as ordens ditasse.

VI

— Conduzam-me o escravo!... Lotário bradou.
O bando de humildes a sala deixou
Às torvas palavras do torvo senhor.
Lotário sombrio voltou-se a seu filho,
De quem, dos olhares, corria, no brilho,
A chama sinistra de um gênio traidor.

VII

— Sossega, Roberto. Lhe disse; é forçoso
Que eu puna o africano feroz, revoltoso,
Que ousou levantar-se da lama a teus pés.
Roberto curvou-se. O pai se afastando
Sentou-se, e os sobrolhos fatais carregando
Em cisma profunda perdeu-se outra vez.

VIII

Momentos passados, um surdo ruído
Ergueu-se da escada, por entre o tinido
De férreas cadeias batendo no chão,
E os servos de volta, trazendo o culpado
Tristonho, olhos baixos, o dorso arqueado,
No centro pararam do antigo salão.

IX

Silêncio profundo! Nem um movimento
Se via no grupo, que trêmulo e atento
A voz esperava que alçasse o senhor;
Lotário media severo o cativo,
E as faces do filho tirânico e altivo
Cobriam-se aos poucos de vivo rubor.

X

— Escravo, aproxima-te. Ao mando potente,
Moveu-se o inditoso brandindo a corrente,
E erguendo a cabeça fitou seu juiz;
Que traços distintos! que nobre composto!
Que lume inspirado saltava do rosto,
Dos olhos doridos do escravo infeliz!

XI

Oh! Mauro era belo! Da raça africana
Herdara a coragem sem par, sobre-humana,
Que aos sopros do gênio se torna um vulcão.
Apenas das faces de um leve crestado,
Um fino cabelo, contudo anelado,
Traíam do sangue longínqua fusão.

XII

Trinta anos contava; trinta anos de dores
Do estio da vida secaram-lhe as flores
Que a aurora banhara de orvalhos e luz,
Deixando-lhe apenas um ódio sem termos,
E d'alma indomável, nos cálidos ermos,
A chama vivace que a força traduz.

XIII

Mas isto que importa? dos mares no fundo,
No lodo viscoso do pântano imundo,
Tem brilhos o ouro, cintila o diamante?
E a testa cingida de etéreo laurel
Tem vida se o mundo nodoa-a de fel
E curva aos martírios de um jugo aviltante?

XIV

— Conheces teu crime? gritou o senhor.
— Não! Mauro responde com frio amargor,
O tigre encarando que em raiva o media.
— Pois que, desgraçado! fremente exclamou;
E erguendo-se rubro, Lotário avançou
Ao servo impassível que ao raio sorria.

XV

— Pois que, desgraçado! tu zombas de mim!
E ousado, insolente contemplas-me assim!
A mão levantando Lotário bramiu.
Mas frio, tranquilo, sereno o semblante,
Sem dar nem um passo, mover-se um instante,
O escravo arrogante de novo sorriu.

XVI

Conteve-se o bárbaro. — Ó mísero cão!
Humilha-te, abaixa-te, é tempo, senão
Com férreos açoites arranco-te a vida!
— Conheces teu crime?
— Ignoro, senhor;
Minh'alma é tranquila, só tenho uma dor,
E essa é funda, secreta ferida.

XVII

— Tu'alma é tranquila? Tu nada fizeste?
Tu contra meu filho brutal não te ergueste,
Nem duros insultos lançaste-lhe às faces?
— Não nego, é verdade.

— Confessas?

—Confesso!

E o escravo agitou-se, do ódio no excesso,
Lançando dos olhos centelhas fugaces.

XVIII

Lotário tremeu. Nas luzes febrebratas
Daquelas faíscas, passaram sedentas
As fúrias medonhas de eterna vingança.
Calou-se um momento, sombrio, engolfado
Num pego de ideias, talvez despertado
Ao súbito choque de viva lembrança.

XIX

Mas logo de novo raivoso, incendiado,
Voltou-se ao cativo: — Cativo atrevido,
Por que ultrajaste teu amo e senhor?
— Por que?... Disse Mauro; por que? vou dizer;
Por que? eu repito, que assim é mister:
Teu filho é um cobarde, teu filho é um traidor!

XX

— Segurem-no!... branco, de cólera arfando,
Rugiu o tirano convulso apontando
O escravo rebelde que os ferros brandia.
— Segurem-no e aos golpes de rábido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite,
Até que lhe chegue final agonia!

XXI

O bando de servos lançou-se, ao mandado.
— Ninguém se aproxime! bradou exaltado
O moço cativo sustendo a corrente.
A turba afastou-se medrosa e tremendo;
E Mauro sublime, seu ódio contendo,
Falou destemido do déspota à frente:

XXII

— Não creias que eu tema! não creias que, escravo,
Suplícios me curvem, ai! não, que sou bravo!
Por que me condenas? que culpa me oprime,
Senão ter vedado que um monstro cruento,
De fogos impuros, lascivos, sedento,
Lançasse a inocência nas lamas do crime?

XXIII

Oh! sim, sim, teu filho, no lúbrico afã,
Tentou à desonra levar minha irmã!
Ai! ela não tinha que um mísero irmão!...
Ergui-me em defesa; teus ferros esmagam,
Humilham, rebaixam, porém não apagam
Virtudes e crenças, dever e afeição!

XXIV

Fiz bem! Deus me julga! Tu sabes meu crime,
O fero delito que a fronte me oprime,
As faltas nefandas, os negros horrores;
Agora prossegue, prossegue, estou mudo,
Condena-me agora que sabes de tudo,
Abafa-me ao peso de estólidas dores!

XXV

E Mauro calou-se. Mais frio que a morte,
Mais trêmulo que os juncos ao sopro do norte,
À viva ironia Lotário abalou-se.
— Afastem-no!... Afastem-no! ergueu-se rugindo,
E a turba dos servos o escravo impelindo
Em poucos instantes da sala afastou-se.

XXVI

Ah! mísero Mauro! passados momentos,
Terrível sentença dos lábios sedentos
Baixou o tirano, que em fúrias ardia:
— Amarrem-no, e aos golpes de rábido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite
Até que lhe chegue final agonia.

XXVII

Mas quando a alvorada no espaço raiava,
E os bosques, e os campos, risonha inundava
Das longas delícias do etéreo clarão,
O escravo rebelde de balde buscaram,
Cadeias rompidas somente encontraram,
E a porta arrombada da dura prisão.

O suplício

I

Na hora em que o horizonte empalidece,
Em que a brisa do céu vem suspirosa
De úmidos beijos afagar as flores,
E um véu ligeiro de sutis vapores
Baixa indolente da montanha umbrosa;

II

Na hora em que as estrelas estremecem,
Lágrimas de ouro no sidéreo manto,
E o grilo canta, e o ribeirão suspira,
E a flor mimosa que ao frescor transpira
Peja os desertos de suave encanto;

III

Na hora em o riacho, a veiga, o inseto,
A serra, o taquaral, o brejo e a mata
Falam baixinho, a cochichar na sombra,
E as moles felpas da campestre alfombra
Molham-se em fios de fundida prata;

IV

Na hora em que se abala o santo bronze
Da igreja gentil no campanário,
Uma voz lacerada, enfraquecida,
Levanta-se amarga e dolorida
Da sombria morada de Lotário.

.....

I

Eu vou morrer, meu Deus! já sinto as trevas,
As trevas de outro mundo que me cercam!
Já sinto o gelo me correr nas veias,
E o coração calar-se pouco a pouco!

II

Eu vou morrer, meu Deus! minh'alma luta,
E em breve tempo deixará meu corpo...
Tudo em torno de mim foge... se afasta...
Já estas dores não me pungem tanto!

III

Não!... meus sentidos se entorpecem. Belo
O meu anjo da guarda me contempla;
Meu sei bebe virações mais puras,
Creio que vou dormir... Sim, tenho sono.

IV

Minha mãe!... meu irmão!... eu não vos vejo!
Vinde abraçar-me, que padeço muito!
Mas de balde vos chamo... Adeus... adeus...
Eu vou morrer... eu morro... tudo é findo...

V

E a voz debilitava-se, fugia,
Como o gemido flébil de uma rola
Nos complicados dédalos da selva,
Até que em breve se escutava apenas
O estalo do azorrague amolecido,
Sobre as feridas do coalhado sangue
Da pobre irmã do desditoso Mauro.

VI

— Basta! bradou um dos algozes, — basta!
Deixai-a agora descansar um pouco,
Repousemos também; meu braço é fraco,
Inunda-me o suor! logo... mais tarde,
Acabaremos a tarefa de hoje.
Logo? estais doido? A criatura há muito
Que sacudiu as asas.

— Sim!... é pena!

— Apalpai-a e vereis.

— Com mil diabos!

Ide ao amo falar, responde o outro
Limpando na parede a mão molhada.

VII

Os que este ofício lúgubre cumpriam
Era um branco robusto, olhar sinistro,
Cabeça de pantera; o outro um negro
Possante e gigantesco; as costas nuas
Deixavam ver os músculos de bronze
Onde o suor corria gota a gota.

.....

VIII

— Meu senhor...

— O que queres? fala e deixa-me.

Lotário respondeu voltando o rosto
Ao servo hercúleo que da porta, humilde,
Lhe vinha interromper nas tredas cismas.
— A mulata morreu.

— Pois bem, que a deixem.

Enterrem-na amanhã.

A esta resposta

Decisiva e lacônica, o africano
Retirou-se a buscar seu companheiro,
Deixando o potentado, que de novo
Mergulhou-se nas fundas reflexões.

.....

IX

.....

Ao vivo encanto de uma aurora esplêndida
Voltando o rosto a noite despeitada
Cedeu-lhe a criação, e foi ciosa
Esconder-se em seus antros. As florestas
Sacudiam a coma embalsamada,
Onde ao lado da flor o passarinho
Se desfazia em queixas amorosas.
Tudo era belo, radiante e puro,
Palpitante de vida; a natureza,
Como a noiva feliz, tinha trajado
As mais soberbas galas, e estendia
Os seus lábios de rosas ao rei dos astros,
Que ansioso temia no oriente
Para libar-lhe seu primeiro beijo.

X

Mas através do manto vaporoso,
Que leve e tênue para o céu se eleva
Nas madrugadas festivas do estio,
Um grupo silencioso caminhava
Pela encosta do monte, conduzindo
Um fardo estranho e dúbio; era uma rede
Nodoada de sangue! um corpo longo,
Rijo, estendido, desenhava as formas
Sobre o sórdido estofo. A madrugada,
Que tão linda ostentava-se no espaço,
Tristonha e temerosa parecia
Das vestes alvas afastar a fímbria
Desta cena sinistra e ensanguentada!

XI

Chegando ao topo da montanha, os vultos
Pararam, descansando sobre a terra
O peso mortuário. A natureza,
Que próspera lançaram o encanto e a vida
Ao redor deste sítio, parecia
Ter-lhe tudo negado. O solo ingrato,
Revolto, seco nem sequer mostrava
Uma gota de orvalho; desde a relva
Macia e vigorosa até à urtiga
Nada crescia ali! Triste, solene,
Sobre um monte de pedras, levantava-se
Apenas uma cruz em cujos braços
Dous pássaros beijavam-se gemendo.

XII

— Pega na enxada e cava, disse o homem
Que presidira ao bárbaro suplício
Da pobre irmã de Mauro; abre uma cova
Aqui neste lugar, e bem depressa,
Oito palmos de fundo e três de largo,
Atira dentro o corpo da mulata,
Cobre de terra e calca. Estas palavras
Foram ditas ao negro gigantesco
Que à véspera sorria-se, rasgando
As carnes da infeliz. Depois voltando-se
Aos outros desgraçados: —Venham todos,
São horas dos trabalhos! E partiram.

XIII

Em breve tempo os golpes compassados
De uma enxada pesada começaram
A cair sobre a terra, lentamente
Abrindo o último leito da inditosa.
O feroz africano prosseguia
No seu lúgubre ofício sem ao menos
Levantar a cabeça. Alguns minutos
Já tinham decorrido quando em frente
Uma voz retumbante levantou-se
Fazendo ouvir-lhe o nome; o brônzeo monstro
Parou, volveu em torno o olhar selvagem,
E murmurou estremecendo — Mauro!...

XIV

Sim, era Mauro, e quão mudado estava!
Dias sem luzes, noites sem descanso,
Tinham dez anos lhe roubado a vida!
Naquela fronte cismadora e doce,
Onde luzia a resignação outrora,
Passavam nuvens de fatal vingança,
De planos infernais! Naqueles olhos
Donde incessante vislumbra o gênio,
O gênio que o Senhor prefere às vezes
Sobre a choça lançar do que nos paços,
O gênio que alimentava-se das dores
E vive de amargor, naqueles olhos
Raios de sangue se cruzavam, rápidos!
A face descarnara-se, os cabelos,
Os cabelos, ó Deus, negros, luzentes,
Em poucos dias alvejavam! Mauro
Era uma sombra apenas e uma ideia:
Sombra de dor, ideia de vingança!

XV

Não era o seu trajar o de um escravo,
Nem também de um senhor. Sombria capa,
Grosseira, embora, lhe cobria os ombros
E deixava entrever pendente à cinta
Uma faca ou punhal; largo chapéu
De retorcidas abas inclinava-se
Mostrando a vasta frente; uma espingarda
Trazia à mão direita. Onde encontrara
O escravo estes recursos? Não se sabe.
Dera-lhe alguém, ou os roubara? Mauro
Era nobre demais: desde criança
Bebera as leis de Deus dos santos lábios
De velho missionário, e aprendera
A decifrá-las nos sagrados livros,
Embora a furto, a medo, que ao cativo
É crime levantar-se além dos brutos.

XVI

—Mauro!... de novo estupefato, trêmulo,
Ao aspecto do trânsfuga sinistro
O negro murmurou:

— Oh, sim, é Mauro!

Bradou aquele adiantou-se; abre
Esta rede depressa, quero vê-la,
Vê-la ainda uma vez, depois... vingá-la!
— É tua irmã...

— Bem sei. Abre essa rede,

Abre essa rede, digo-te!

O africano

Deixou a enxada e foi abri-la. Ó Deus!
Não era um corpo humano, era um composto
De carnes laceradas, roxas, fétidas,
Inundadas de sangue! Massa informe
De músculos polutos, negro emblema
De quanto há de feroz, bárbaro, tétrico,
Cruentamente horrível! O cativo
Exalou da garganta um som pungente,
Tigrino, e tão selvagem, que o africano
Sentiu um calafrio; ergueu os olhos
Abrasados ao céu, depois sem forças
De joelhos caiu junto ao cadáver
E se desfez em lágrimas ardentes,
Em soluços doridos. Impassível,
Frio como as estátuas indianas,
O negro contemplava este espetáculo
Que abalaria de piedade as pedras,
E susteria as rábidas torrentes
Nas rochas escarpadas!

— Bem; é tempo...

Basta de inútil pranto! Disse Mauro
Erguendo-se do chão; —e tu agora,
Falou fitando o túrbido coveiro,
Cumpre com teu dever!... De novo os olhos
Encheram-se de lágrimas. — Adeus!
Adeus! Mísera irmã, tu és ditosa!
Deus te deu a coroa do martírio

[cont.]

[cont.]

Para entrares no céu; a corte angélica
Espera-te sorrindo... e eu inda fico,
E tenho de esgotar até às fezes
A taça envenenada da existência!

.....

I

Tu passaste na terra como as flores
Que a geada hibernal derriba e mata;
Foram teus dias elos de teus ferros,
E teus prazeres lágrimas!

II

Negou-te a primavera um riso ao menos;
Dos sonhos da estação, nenhum tiveste;
A aurora que de luz inunda os orbes
Te abandonou nas trevas!

III

Alma suave a transpirar virtudes,
Gênio maldito arremessou-te ao lodo!
Buscaste as sendas lúcidas do Empíreo,
E apontaram-te o caos!

IV

A Providência que os coqueiros une,
Quando a tormenta pelo espaço ruger,
Até o braço de um irmão vedou-te,
Ó planta solitária!

V

A morte agora te escudou, criança!
Trouxe a alvorada que esperaste embalde,
E adormecida nos seus moles braços
Pousou-te junto a Deus!...

XVII³

Assim Mauro falou. Pesada e surda
A enxada do coveiro retumbava,
Como o bater funéreo e compassado
Do quadrante do tempo. O foragido
Lançou inda um olhar piedoso e triste
Sobre os restos da irmã, depois ligeiro
Afundou-se no dédalo das selvas.

A vingança

I

Três vezes percorrido as doze casas
Tem o rei das esferas. É um dia
Brilhante e festival, cheio de júbilo
Nos imensos domínios de Lotário.
A habitação transborda de convivas,
Retroa a orquestra, tudo ri-se e folga,
E os próprios servos no terreiro juntos
Dançam contentes, sem lembrar-se ao menos
Da escravidão pesada. O que há de novo?
Que fato estranho há transformado a face
Desta sinistra e túrbida morada?
Não o sabeis? Roberto hoje casou-se,
Roberto, o filho amado de Lotário
Cujos domínios não abrange a vista:
Feliz três vezes a formosa noiva!

II

A dança, o riso, os brindes e as cantigas
Até a noite vão; quando já débeis
As luzes vacilavam nos seus lustres,
E o cansaço abatia os seios todos;
Quando convulso o arco estremecia
Nas cordas da rebeca, e os olhos lânguidos
Percorriam os grupos fatigados,
Roberto palpitante de ventura,

Louco de amor, a fronte incandescente
De abrasadas ideias, afastou-se
Do meio dos convivas, e furtivo
Desceu ao campo a respirar as brisas
Embebidas de lânguidos perfumes
Das noites de verão. Tudo era calmo,
Serenos e sossegado; a natureza,
Num leite de volúpias adormecida,
Parecia sorrir-se desdenhosa
Ao júbilo ruidoso que partia
Da casa de Lotário. Pensativo
Roberto se sentou sobre uma pedra
À margem de um regato, abrindo o seio
Ao transpirar balsâmico das flores.

III

Nas noites de noivado, quem se atreve
A deixar o festim, antes que a aurora
Não surja no horizonte? Assim o moço
Vendo inda longe a hora desejada,
Incendido de férvidos desejos,
Maldizia essa festa, esses convivas,
Essa ardente alegria, que adversa
Levantava-se entre ele e a noiva amada.

IV

Longo tempo assim estive, mergulhado
Nas suas reflexões; quando se erguia
Para voltar à casa, um vulto escuro
A passagem cortou-lhe. O moço, rápido,
Volveu um passo atrás, e sossegado
De seu primeiro susto, perguntou-lhe:
— Quem és tu? O que queres?
Impassível
O estrangeiro afastou as largas abas
De seu vasto chapéu.
— Ó Deus! é Mauro!
Mauro, o que queres? fala!
— Eis o que quero!

³ O salto dado na numeração das estrofes – de V para XVII – foi reproduzido das duas fontes consultadas.

O escravo respondeu vergando o moço
Com seus braços de ferro; — eis o que quero!
Bradou cruento, amiudando os golpes
Terríveis e certos sobre o peito
Do mancebo infeliz; eis o que quero!
Repetiu arrastando-o sobre a relva
E despenhando-o sobre um fosso imundo,
Cheio de lama e apodrecidas plantas.
— Eis teu leito de bodas, boa noite!

.....

V
A orquestra prosseguia, ardente, forte,
Seus ruidosos acordes; dos dançantes
Poucos se achavam do salão no meio,
A maior parte conversava aos cantos
Cansada e sonolenta. De repente
Uma escrava lançou-se alucinada
Entre os grupos esparsos dos convivas!...
— Venham! Bradava, meu senhor está morto,
Meu senhor já morreu!... venham, acudam!
Um raio que tombasse no edifício
Não produziria tanto horror! A orquestra
Calou-se repentina; um calafrio
Correu nas veias todas, e nos rostos
A palidez do túmulo estendeu-se.
Levantaram-se trêmulos, medrosos,
Acompanhando a escrava, que apressada
Ao quarto de Lotário os conduziu.

VI
Ele estava deitado no assoalho
Inundado de sangue; um surdo ronco
Partia-lhe do seio, e os olhos baços
Uma janela aberta contemplavam,
Como querendo descobrir nas trevas
Um profundo mistério. O quarto cheio,
Repleto de convivas e de escravos,
Retumbou de questões: — Onde foi ele?
Como foi? Conheceram-no? Seu nome?

VII
Lotário apenas, já levado ao leito,
Para a janela olhava, abria os lábios,
Uma palavra ia partir, depois,
Vendo baldados os esforços todos,
Soltava um som pungente e cavernoso,
Entre espuma sangrenta, da garganta.

VIII
Duas horas de angústia se passaram.
A morte caminhava passo a passo,
E não tardava vir sentar-se, lívida,
Do leito do senhor à cabeceira.

IX
Tudo era em vão; cuidados e socorros
Gastaram-se debalde. Um dos cativos
Montado sobre rápido cavalo,
Correra a ver o médico; era longe
A morada do filho da ciência;
E a sina de Lotário estava escrita!

.....

X

Quando a sombra funérea de além-mundo
Começou a turbar-lhe o olhar e o rosto,
Supremo esforço ele tentou; ergueu-se
Por uma estranha força abriu os lábios
E murmurou com voz lúgubre e funda,
Com essa voz tão próxima dos túmulos,
Que parece partir de negro abismo:
— *Também era meu filho!*... e extenuado
Caiu sobre os lençóis, rígido, frio,
Já domínio da campa!

Em vão tentaram

O sentido buscar dessas palavras
Que Lotário dissera ao pé da morte,
Em vão tentaram descobrir aquele
Que era também seu filho! densas trevas
Impenetrável manto de mistério
Cobria esse segredo, e o único lume
Que pudera surgir, o gelo frio
Tinha apagado para sempre! A campa,
Discreta confidente, esconde tudo!

Visão

I

É noite; da serra
Na selva negra e sombria,
Bate rija a ventania
Com lufadas horrorosas;
Cai a chuva estrepitando,
E pelas brenhas rolando,
Tomba a torrente espumando
Nas cavernas tenebrosas.

II

Ruge no espaço o trovão;
Do raio o fulvo clarão
Rasga o véu da escuridão
Com fúria descomunal,
E das frias sepulturas
Erguem-se as larvas impuras
Cantando nênias escuras
Ao sopro do vendaval.

III

Por esta noite de horrores,
Da tempestade aos furores,
Quem se atreve sem temores
Pelos ermos se embrenhar?
Quem és tu, vulto descrido,
Tredo espetro foragido,
Que em teu corcel destemido
Cortas o plaino a voar?

IV

Tens os olhos encovados,
De fundos visos cercados,
Sinistros sulcos deixados
Por atos vícios talvez;
A fronte escura e abatida,
Roxa a boca comprimida,
A face magra tingida
Da morte na palidez.

V

Do fuzil à luz fremente
Brilha-te à cinta, na frente,
Lâmina fria e luzente
De retorcido punhal...
Que dizes de quando em quando,
Que teu corcel se alentando,
Rasteja apenas, passando,
As folhas do matagal!

VI

Não te amedronta a tormenta
Que pelas nuvens rebenta,
E sobre as asas sustenta
Dos raios a legião?
Nem te horrorizam gemidos
Dos espíritos, que unidos,
Nos ares correm, pendidos
Do sudário do tufão?

VII

Quem sabe se a Divindade,
Em sua santa equidade,
Te envia da eternidade
Para no mundo vagar?
Quem sabe se é teu castigo
Transpor perigo e perigo,
Sempre exposto ao desabrigo
Pelo deserto a penar!

VIII

Vai!... e se acaso és culpado,
Corre, corre, desgraçado,
Cumprindo teu negro fado
Por vales e serranias!...
O trovão ronca tremendo,
Os cedros pendem rangendo,
Os gênios pulam gemendo
No embate das ventanias!

Castro Alves

Júlia Batista Castilho de Avellar

Entre as obras de Antônio Frederico de Castro Alves (Muritiba, atual Castro Alves/BA, 1847 – Salvador, 1871), destacam-se *Os escravos*, de publicação póstuma, em 1880, e *Espumas flutuantes* (1870). O poeta baiano, da geração romântica denominada condoreira, enfatiza em seus poemas os temas abolicionistas e cria uma imagem de si baseada no engajamento e na preocupação social: um líder abolicionista literário. Deste modo, a poesia de Castro Alves pode ser considerada, entre outros aspectos, instrumento linguístico literário de uma causa social: o fim da escravidão.

Nos poemas selecionados para esta antologia, o discurso romântico (campo discursivo literário) caracteriza-se por reiteração – com presença de refrão, métrica, rima, figuras sonoras – e idealização da vida em liberdade. Além disso, pode-se observar um campo discursivo político-social, com temas como trabalho, condições de vida, poder, propriedade e violência. Tais temas permitem a apreensão de oposições interdiscursivas como produção e apropriação, escravidão e liberdade, incluídas na oposição maior existente entre capital e trabalho. Portanto, depreende-se nos poemas de Castro Alves o discurso abolicionista romântico, cujo contraponto – o discurso escravista – encontra-se, na maior parte das vezes, implícito.

A canção do africano

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar..
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

"O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

"Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro."

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

.....

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

A criança

*Que veux-tu, fleur, beau fruit, ou l'oiseau merveilleux?
Ami, dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus,
Je veux de la poudre et des balles.*

(Victor Hugo: *Les orientales*)

Que tens, criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

É triste ver uma alvorada em sombras,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência,
Quero ver-te brilhar.
Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não pudeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver
O riso – a estrela no horizonte da alma.

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis.
E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir... pobre criança!...
Que queres, infeliz?...
— Amigo, eu quero o ferro da vingança.

A cruz da estrada

Invideo quia quiescunt.

(Luthero: *Worms*)

*Tu que passas, descobre-te! Ali dorme
O forte que morreu.*

(A. Herculano: Trad.)

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

A mãe do cativo

*Le Christ à Nazareth, aux jours de son enfance
Jouait avec la croix, symbole de sa mort;
Mère du Polonais! Qu'il apprenne d'avance
A combattre et braver les outrages du Sort.
Qu'il couve dans son sein sa colère et sa joie
Que ses discours prudents distillent le venin,
Comme un abîme obscur que son coeur se reploie:
À terre, à deux genoux, qu'il rampe comme un nain.*

(Mickiewicz: A mãe polaca)

I

Ó mãe do cativo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes n'esta alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria!...

II

Ó Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem termo;
Pra qu'há de sondá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho – desonra, misérias,
A vida nos crimes – a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio reptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látego vil.

Arranca-o do leite... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida – só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte – só cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no tronco...
Depois que adormeça co' o sono de um cão.

Criança – não trema dos transes de um mártir!
Mancebo – não sonhe delírios de amor!
Marido – que a esposa conduza sorrindo
Ao leite devasso do próprio senhor!...

São estes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.
Ó Mãe que balanças a rede selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

Bandido negro

*Corre, corre, sangue do cativo
Cai, cai, orvalho de sangue
Germina, cresce, colheita vingadora
A ti, segador, a ti. Está madura.
Aguça tua fouce, aguça, aguça tua fouce.*

(E. Sue: Canto dos filhos de Agar)

Trema a terra de susto aterrada...
Minha égua veloz, desgrenhada,
Negra, escura nas lapas voou.
Trema o céu... ó ruína! ó desgraça!
Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Dorme o raio na negra tormenta...
Somos negros... o raio fermenta
Nesses peitos cobertos de horror.
Lança o grito da livre coorte,
Lança, ó vento, pampeiro de morte,
Este guante de ferro ao senhor.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Eia! ó raça que nunca te assombra!
Pra o guerreiro uma tenda de sombras
Arma a noite na vasta amplidão.
Sus! pulula dos quatro horizontes,
Sai da vasta cratera dos montes,
Donde salta o condor, o vulcão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

E o senhor que na festa descanta
Pare o braço que a taça alevanta,
Coroadada de flores azuis.
E murmure, julgando-se em sonhos:
"Que demônios são estes medonhos,
Que lá passam famintos e nus?"

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
Pra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este – irmão da mulher que manchaste...
Oh! não tremas, senhor, são teus cães.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São teus cães, que têm frio e têm fome,
Que há dez séc'los a sede consome...
Quero um vasto banquete feroz...
Venha o manto que os ombros nos cubra.
Para vós fez-se a púrpura rubra,
Fez-se a manto de sangue pra nós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Meus leões africanos, alerta!
Vela a noite... a campina é deserta.
Quando a lua esconder seu clarão
Seja o bramo da vida arrancado
No banquete da morte lançado
Junto ao corvo, seu lúgubre irmão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Mater dolorosa

*Deixa-me murmurar à tua alma um
adeus eterno, em vez de lágrimas chorar
sangue, chorar o sangue de meu
coração sobre meu filho; porque tu deves
morrer, meu filho, tu deves morrer.*

(Nathaniel Lee)

Meu filho, dorme, dorme o sono eterno
No berço imenso, que se chama – o céu.
Pede às estrelas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
As asas de ouro vais além abrir.
Ai! rosa branca no matiz tão pálida,
Longe, tão longe vais de mim florir.

Meu filho, dorme... Como ruge o norte
Nas folhas secas do sombrio chão!...
Folha dest'alma como dar-te à sorte?...
É tredo, horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem termo
Bebi a força de matar-te... a mim...
Viva eu cativa a soluçar num ermo...
Filho, sê livre... Sou feliz assim...

– Ave – te espera da lufada o açoite,
– Estrela – guia-te uma luz falaz.
– Aurora minha – só te aguarda a noite,
– Pobre inocente – já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime...
Deus me perdoa... me perdoa já.
A fera enchente quebraria o vime...
Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno
No berço imenso, que se chama o céu.
Pede às estrelas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

O sol e o povo

Le peuple a sa colère et le volcan sa lave.

(Victor Hugo)

*Ya desatado
El horrendo, huracán silba contigo
¿Qué muralla, qué abrigo
Bastaran contra ti?*

(Quintana)

O sol, do espaço Briaréu gigante,
P'ra escalar a montanha do infinito,
Banha em sangue as campinas do levante.

Então em meio dos Saaras – o Egito
Humilde curva a frente e um grito errante
Vai despertar a Esfinge de granito.

O povo é como o sol! Da treva escura
Rompe um dia co'a destra iluminada,
Como o Lázaro, estala a sepultura!...

Oh! temei-vos da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura,
Que vinga a campa à geração passada.

Saudação a Palmares

Nos altos cerros erguido
Ninho d'águias atrevido,
Salve! – País do bandido!
Salve! – Pátria do jaguar!
Verde serra onde os Palmares
– Como indianos cocares –
No azul dos colúmbios ares,
Desfraldam-se em mole arfar!...

Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam...
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!...

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada,
Aos uivos da marujada,
Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estádio,
Das liberdades paládio,
Pegaste o punho do gládio,
E olhaste rindo pra o val.
"Descei de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de frente!"
E riste... O riso de um monte!
E a ironia de um chacal!...

Cantem eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços;
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a beleza tua,
Caçadora seminua,
Em cuja perna flutua
Ruiva a pele de um tapir!

Crioula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Fugidio, firme, duro,
Guardaste pra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob, a ramagem,
As vozes – que traz a aragem
Do teu rijo caçador!

– Salve! Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
– Aos urros da cachoeira –
Sabes bater e lutar...
Salve! – nos cerros erguido –
Ninho, onde em sonho atrevido,
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade... e o jaguar!

Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
– Infinito galé!...
Por abutre – me deste o sol candente,
E a terra de Suez – foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos haréns do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda – tem os cimos do Himalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
– Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista – corta o mármore de Carrara;
Poetisa – tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz.
O Universo após ela – doudo amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

.....
Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às Pirâmides do Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
"Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz..."

Nem veem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a Esfinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante,
Que desce de Efraim...

.....
Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
Eu cometi jamais que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

.....
Foi depois do dilúvio... um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
"Cam!... serás meu esposo bem-amado...
– Serei tua Eloá..."

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o nômade faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir – Judeu maldito –
Filho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras d'Europa – arrebatada –
Amestrado falcão.

Cristo! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos – alimária do universo,
Eu – pasto universal.

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos, outrora,
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!...
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

O navio negreiro

Tragédia no Mar

1ª

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – doirada borboleta –
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
– Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço...

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo – o mar... em cima – o firmamento...
E no mar e no céu – a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra – é o mar que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a *esteira*
Que semelha no mar – doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

2ª

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a noite¹ é divina...
Resvala o brigue à bolina
Como um golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor.
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
– Terra de amor e traição –
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos do Tasso
Junto às lavas do vulcão!

¹ Há divergências entre as versões do poema, sendo que algumas empregam os termos *morte* ou *sorte*. A versão aqui apresentada mantém o termo *noite*, que consta no manuscrito. Para mais informações, consultar CHEDIAK. *Castro Alves – Tragédia no mar (O navio negreiro)*, que será a referência também para as próximas notas.

O Inglês – marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou –
(porque a Inglaterra é um navio
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando orgulhoso histórias
De Nelson e de Aboukir.
O Francês – predestinado –
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens, que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
... Nautas de todas as plagas...!
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu...

3ª

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais, inda mais... não pode o olhar humano,
Como o teu mergulhar no brigue voador.
Mas que vejo eu aí... que quadro de armaduras!
Que canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil!... Meu Deus! meu Deus! que horror!

4ª

Era um sonho dantesco... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas, espantadas
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri...

No entanto o capitão manda a manobra...
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz, do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

5ª

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive² em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Ontem³ simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

² Em algumas versões, o termo empregado é *voa*. Optamos, neste caso, por *vive*, diferentemente do manuscrito.

³ Há versões em que a ocorrência é *homens*. Ainda que no manuscrito esse termo tenha sido empregado, preferimos a variante *ontem* em oposição ao *hoje* do verso seguinte.

São mulheres desgraçadas...
Como Agar o foi também,
Que sedentas, alquebradas
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma – lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram – crianças lindas,
Viveram – moças gentis...
Passa um dia a *caravana*,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus! ó choça do monte!...
... Adeus! palmeiras da fonte!...
... Adeus!... amores... adeus!...

Depois o areal extenso...
Depois, o oceano de pó!...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na *cadeia*,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer...

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a *peste* por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... Cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra... morrer...
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão...
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do agoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

6ª

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! Meu Deus!... Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do Sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
Extingue nesta hora o *brigade imundo*
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélagos profundo!...
... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares!

Cruz e Sousa

Júlia Batista Castilho de Avellar

João da Cruz e Sousa (Desterro, atual Florianópolis, 1861 – Sítio, atual Antônio Carlos/ MG, 1898), filho de escravos e escravo ele próprio, foi libertado e criado pelos seus senhores. Trabalhou na imprensa, no teatro e, finalmente, na Estrada de Ferro Central do Brasil. É conhecido sobretudo pelas obras *Missal* e *Broquéis*, ambas publicadas em 1893. Consideradas expressões máximas do discurso simbolista, caracterizam-se pela linguagem marcada por vocabulário e morfossintaxe sugestivos, com grande emprego de reticências e seleção lexical de termos relacionados aos temas do mistério, do espiritualismo e do idealismo – geralmente associados a uma sublimação da alma e sua ascensão a um plano superior; e pela preocupação formal (métrica e rima).

Os poemas aqui selecionados, todavia, compõem uma parte pouco conhecida da obra do “Poeta Negro”, pois situa-se em um campo discursivo político-social, que abrange temas como o trabalho e as condições de vida, além de subtemas como a escravidão e a liberdade. Estes dois últimos, em especial, são recorrentes, sendo que a condição escrava é associada a escuridão e a figuras sombrias, ao passo que a liberdade remete à claridade e à luminosidade. Embora estes poemas apresentem uma temática social, eles ainda contêm um traço distintivo simbolista: o tema da ascensão; no caso, de um estado (escravidão) para outro (liberdade). Não se trata, porém, da típica sublimação espiritual, mas da libertação física, material, econômica, dos escravos. Há também um vocabulário e uma morfossintaxe extremamente expressivos, com amplo

emprego de exclamações e interjeições e em defesa de uma causa social (o abolicionismo), o que o diferencia do discurso simbolista canônico.

Escravocratas

Oh! trânsfugas do bem que sob o manto régio
Manhosos, agachados – bem como um crocodilo,
Viveis sensualmente à luz dum privilégio
Na pose bestial dum cágado tranquilo.

Eu rio-me de vós, e cravo-vos as setas
Ardentes do olhar – formando uma vergasta
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,
E vibro-vos a espinha – enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário –
Da branca consciência – o rútilo sacrário
No tímpano do ouvido – audaz não me soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,
Castrar-vos como um touro – ouvindo-vos urrar!

Da senzala...

De dentro da senzala escura e lamacenta
Aonde o infeliz
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada
Alegre e sem rancor,
Porém que foi aos poucos sendo transformada
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala
Aonde o crime é rei, e a dor – crânios abala
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...
E sim um assassino!

Dilema

Ao cons. Luís Alvares dos Santos

Vai-se acentuando,
Senhores da justiça – heróis da humanidade,
O verbo tricolor da confraternidade...
E quando, em breve, quando

Raiar o grande dia
Dos largos arrebóis – batendo o preconceito...
O dia da razão, da luz e do direito
– solene trilogia –

Quando a escravatura
Surgir da negra treva – em ondas singulares
De luz serena e pura;

Quando um poder novo
Nas almas derramar os místicos luares,
Então seremos povo!

Titãs negros

Hirtas de Dor, nos áridos desertos
Formidáveis fantasmas das Legendas,
Marcham além, sinistras e tremendas,
As caravanas, dentre os céus abertos...

Negros e nus, negros Titãs, cobertos
Das bocas vis das chagas vis e horrendas,
Marcham, caminham por estranhas sendas,
Passos vagos, sonâmbulos, incertos...

Passos incertos e os olhares tredos,
Na convulsão de trágicos segredos,
De agonias mortais, febres vorazes...

Têm o aspecto fatal das feras bravas
E o rir pungente das legiões escravas,
De dantescos e torvos Satanases!...

Grito de guerra

Aos senhores que libertam escravos

Bem! A palavra dentro em vós escrita
Em colossais e rubros caracteres,
É valorosa, pródiga, infinita,
Tem proporções de claros rosicleres.

Como uma chuva olímpica de estrelas
Todas as vidas livres, fulgurosas,
Resplandecendo, – vós tereis de vê-las
Rolar, rolar nas vastidões gloriosas.

Basta do escravo, ao suplicante rogo,
Subindo acima das etéreas gazas,
Do sol da ideia no escaldante fogo,
Queimar, queimar as rutilantes asas.

Queimar nas chamas luminosas, francas
Embora o grito da matéria apague-as;
Porque afinal as consciências brancas
São imponentes como as grandes águias.

Basta na forja, no arsenal da ideia,
Fundir a ideia que mais bela achardes,
Como uma enorme e fúlgida Odisseia
Da humanidade aos imortais alardes.

Quem como vós principiou na festa
Da liberdade vitoriosa e grande,
Há de sentir no coração a orquestra
Do amor que como um bom luar se expande.

Vamos! São horas de rasgar das frentes
Os véus sangrentos das fatais desgraças
E encher da luz dos vastos horizontes
Todos os tristes corações das raças...

A mocidade é uma falena de ouro,
Dela é que irrompe o sol do bem mais puro:
Vamos! Erguei vosso ideal tão louro
Para remir o universal futuro...

O pensamento é como o mar – rebenta,
Ferve, combate – herculeamente enorme
E como o mar na maior febre aumenta,
Trabalha, luta com furor – não dorme.

Abri portanto a agigantada leiva,
Quebrando a fundo os espectrais embargos,
Pois que entrareis, numa explosão de seiva,
Muito melhor nos panteões mais largos.

Vão desfilando como azuis coortes
De aves alegres nas esferas calmas,
Na atmosfera espiritual dos fortes,
Os aguerridos batalhões das almas.

Quem vai da sombra para a luz partindo
Quanta amargura foi talvez deixando
Pelas estradas da existência – rindo
Fora – mas dentro, que ilusões chorando.

Da treva o escuro e aprofundado abismo
Enchei, fartai de essenciais auroras,
E o americano e fértil organismo
De retumbantes vibrações sonoras.

Fecundos germens racionais produzam
Nessas cabeças, claridões de maios...
Cruzem-se em vós – como também se cruzam
Raios e raios na amplidão dos raios.

Os britadores sociais e rudes
Da luz vital às bélicas trombetas,
Hão de formar de todas as virtudes
As seculares, brônzeas picaretas.

Para que o mal nos antros se contorça
Ante o pensar que o sangue vos abala,
Para subir – é necessário – é força
Descer primeiro a noite da senzala.

Crianças negras

Em cada verso um coração pulsando,
Sóis flamejando em cada verso, e a rima
Cheia de pássaros azuis cantando,
Desenrolada como um céu por cima.

Trompas sonoras de tritões marinhos
Das ondas glaucas na amplidão sopradas
E a rumorosa música dos ninhos
Nos damascos reais das alvoradas.

Fulvos leões do altivo pensamento
Galgando da era a soberana rocha,
No espaço o outro leão do sol sangrento
Que como um cardo em fogo desabrocha.

A canção de cristal dos grandes rios
Sonorizando os florestais profundos,
A terra com seus cânticos sombrios,
O firmamento gerador de mundos.

Tudo, como panóplia sempre cheia
Das espadas dos aços rutilantes,
Eu quisera trazer preso à cadeia
De serenas estrofes triunfantes.

Preso à cadeia das estrofes que amam,
Que choram lágrimas de amor por tudo,
Que, como estrelas, vagas se derramam
Num sentimento doloroso e mudo.

Preso à cadeia das estrofes quentes
Como uma forja em labaredas acesa,
Para cantar as épicas, frementes
Tragédias colossais da Natureza.

Para cantar a angústia das crianças!
Não das crianças de cor de oiro e rosa,
Mas dessas que o vergel das esperanças
Viram secar, na idade luminosa.

Das crianças que vêm da negra noite,
Dum leite de venenos e de treva,
Dentre os dantescos círculos do açoite,
Filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos afora
O carrilhão da morte que regela,
A ironia das aves rindo à aurora
E a boca aberta em uivos da procela.

Das crianças vergôntees dos escravos,
Desamparadas, sobre o caos, à toa
E a cujo pranto, de mil peitos bravos,
A harpa das emoções palpita e soa.

Ó bronze feito carne e nervos, dentro
Do peito, como em jaulas soberanas,
Ó coração! és o supremo centro
Das avalanches das paixões humanas.

Como um clarim a gargalhada vibra,
Vibra também eternamente o pranto
E dentre o riso e o pranto te equilibras
De forma tal que a tudo dás encanto.

És tu que à piedade vens descendo.
Como quem desce do alto das estrelas
E a púrpura do amor vais estendendo
Sobre as crianças, para protegê-las.

És tu que cresces como o oceano, e cresces
Até encher a curva dos espaços
E que lá, coração, lá resplandesces
E todo te abres em maternos braços.

Te abres em largos braços protetores,
Em braços de carinho que as amparam,
A elas, crianças, tenebrosas flores,
Tórridas urzes que petrificaram.

As pequeninas, tristes criaturas
Ei-las, caminham por desertos vagos,
Sob o agulhão de todas as torturas,
Na sede atroz de todos os afagos.

Vai, coração! na imensa cordilheira
Da Dor, florindo como um loiro fruto,
Partindo toda a horrível gargalheira
Da chorosa falange cor do luto.

As crianças negras, vermes da matéria,
Colhidas do suplício à estranha rede,
Arranca-as do presídio da miséria
E com teu sangue mata-lhes a sede!

[Levantem esta bandeira]

Levantem esta bandeira
Da posição de farrapo;
Da terra azul brasileira
Levantem esta bandeira
Que sente o horror da esterqueira
Da escravidão – negro sapo.
Levantem esta bandeira
Da posição de farrapo.

Espiritualismo

Ontem, à tarde, alguns trabalhadores,
Habitantes de além, de sobre a serra,
Cavavam, revolviam toda a terra,
Do sol entre os metálicos fulgores.

Cada um deles ali tinha os ardores
De febre de lutar, a luz que encerra
Toda a nobreza do trabalho e – que erra
Só na cabeça dos conspiradores,

Desses obscuros revolucionários
Do bem fecundo e cultural das leivas
Que são da Vida os maternais sacrários.

E pareceu-me que do chão estuante
Vi porejar um bálsamo de seivas
Geradoras de um mundo mais pensante.

Olavo Bilac

Maria Juliana Horta Soares

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (Rio de Janeiro, 1865-1918) estudou Medicina e Direito, mas não completou os dois cursos. Dedicou-se à literatura e ao jornalismo, fundando vários jornais, entre eles *A Cigarra* e *O Meio e A Rua*. Na seção "Semana" da *Gazeta de Notícias*, substituiu Machado de Assis. Foi ainda jornalista político, oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio, inspetor escolar do Distrito Federal, delegado em conferências diplomáticas, secretário do prefeito do Distrito Federal e membro fundador da Liga de Defesa Nacional.

Membro fundador também da Academia Brasileira de Letras, teve maior destaque como poeta, mas sua obra inclui ainda contos e crônicas. O primeiro livro em versos que o tornou reconhecido, *Poesias*, foi publicado em 1888. Seus sonetos retomam elementos da mitologia e, principalmente, valorizam a forma – léxico, rima e métrica, sobretudo. Tais características estão presentes em "Profissão de fé", um dos poemas selecionados para esta antologia e que compara o trabalho do poeta ao do ourives; "Vanitas" também tematiza o trabalho do poeta. Além de sua vertente mais conhecida, a defesa da sofisticação linguística formal no trabalho poético, Bilac trata de outros temas, como em "O tear" – sobre o trabalho longo e contínuo do tecelão – em que é ressaltada a falta de alegria do trabalhador em relação às tarefas que realiza "sem alma" cotidianamente (em oposição a "Vanitas" e "Profissão de fé"), um entre outros sintomas de alienação no trabalho à época (e não somente naquela época).

Vanitas

Cego, em febre a cabeça, a mão nervosa e fria,
Trabalha. A alma lhe sai da pena, alucinada,
E enche-lhe, a palpitar, a estrofe iluminada
De gritos de triunfo e gritos de agonia.

Prende a ideia fugaz; doma a rima bravia,
Trabalha... E a obra, por fim, resplandece acabada:
"Mundo, que as minhas mãos arrancaram do nada!
Filha do meu trabalho! ergue-te à luz do dia!

Cheia da minha febre e da minha alma cheia,
Arranquei-te da vida ao ádito profundo,
Arranquei-te do amor à mina ampla e secreta!

Posso agora morrer, porque vives!" E o Poeta
Pensa que vai cair, exausto, ao pé de um mundo,
E cai – vaidade humana! – ao pé de um grão de areia...

O tear

A fieira zumbe, o piso estala, chia
O liço, range o estambre na cadeia;
A máquina dos Tempos, dia a dia,
Na música monótona vozeia.

Sem pressa, sem pesar, sem alegria,
Sem alma, o Tecelão, que cabeceia,
Carda, retorce, estira, asseda, fia,
Dobra e entrelaça, na infindável teia.

Treva e luz, ódio e amor, beijo e queixume,
Consolação e raiva, gelo e chama
Combinam-se e consomem-se no urdume.

Sem princípio e sem fim, eternamente
Passa e repassa a aborrecida trama
Nas mãos do Tecelão indiferente...

Profissão de fé

*Le poète est ciseleur,
Le ciseleur est poète.*

(Victor Hugo)

Não quero o Zeus Capitolino
Hercúleo e belo
Talhar no mármore divino
Com o camartelo.

Que outro – não eu! – a pedra corte
Para, brutal,
Erguer de Atene o altivo porte
Descomunal.

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão sutil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conto passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever – tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer; e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Blasfemo, em grita surda e horrendo
Ímpeto, o bando
Venha dos bárbaros crescendo,
Vociferando...

Deixa-o: que venha e uivando passe
— Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Olha-os somente, armada e pronta,
Radiante e bela:
E, ao braço o escudo, a raiva afronta
Dessa procela!

Este que à frente vem, e o todo
Possui minaz
De um vândalo ou de um visigodo,
Cruel e audaz;

Este, que, de entre os mais, o vulto
Ferrenho alteia,
E, em jato, expele o amargo insulto
Que te enlameia:

É em vão que as forças cansa, e à luta
Se atira; é em vão
Que brande no ar a maça bruta
A bruta mão.

Não morrerás, Deusa sublime!
Do trono egrégio
Assistirás intacta ao crime
Do sacrilégio.

E, se morreres por ventura,
Possas eu morrer
Contigo, e a mesma noite escura
Nos envolver!

Ah! ver por terra, profanada,
A ara partida
E a Arte imortal aos pés calcada,
Prostituída!...

Ver derribar do eterno sólio
O Belo, e o som
Ouvir da queda do Acropólio,
Do Partenon!...

Sem sacerdote, a Crença morta
Sentir, e o susto
Ver, e o extermínio, entrando a porta
Do templo augusto!...

Ver esta língua, que cultivo,
Sem ouropéis,
Mirrada ao hálito nocivo
Dos infiéis!...

Não! Morra tudo que me é caro,
Fique eu sozinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu caminho!

Que a minha dor nem a um amigo
Inspire dó...
Mas, ah! que eu fique só contigo,
Contigo só!

Vive! que eu viverei servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custódias esculpindo
No ouro mais puro.

Celebrarei o teu ofício
No altar: porém,
Se inda é pequeno o sacrifício,
Morra eu também!

Caia eu também, sem esperança,
Porém tranquilo,
Inda, ao cair, vibrando a lança,
Em prol do Estilo!

Augusto dos Anjos

Luciana Martins Arruda

Luiz Paixão Lima Borges

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Engenho Pau d'Arco/PB, 1884 – Leopoldina/MG, 1914) estudou na Faculdade de Direito do Recife (1903-7) onde teve contato com o trabalho *A poesia científica*, de seu professor Martins Junior. Não advogava; lecionava Português. Casou-se em 1910, com Ester Fialho. Depois de trabalhar alguns anos no Rio de Janeiro, em 1913 mudou-se para Leopoldina, onde assumiu a direção do grupo escolar e continuou a dar aulas particulares.

Seu único livro, *Eu*, publicado em 1912 e inicialmente ignorado pelo público e pela crítica, a partir de 1919 foi constantemente reeditado, já como *Eu e outras poesias*. A métrica rígida, a cadência musical, as aliterações e rimas preciosas dos versos são traços linguísticos formais que se articulam ao vocabulário extraído da área científica. Morte dos sonhos, solidão e pessimismo são algumas marcas linguísticas semânticas na poesia de Augusto dos Anjos.

O mais explicitamente social de todos os poemas de Augusto dos Anjos, "Numa forja", mostra o interior de uma indústria e seu ambiente de trabalho insalubre.

Numa forja

De inexplicáveis ânsias prisioneiro
Hoje entrei numa forja, ao meio-dia.
Trinta e seis graus à sombra. O éter possuía
A térmica violência de um braseiro.
Dentro, a cuspir escórias
De fúlgida limalha
Dardejando centelhas transitórias,
No horror da metalúrgica batalha
O ferro chiava e ria!

Ria, num sardonismo doloroso
De ingênita amargura,
Da qual, bruta, provinha
Como de um negro cáspio de água impura
A multissecular desesperança
De sua espécie abjeta
Condenada a uma estática mesquinha!

Ria com essa metálica tristeza
De ser na Natureza,
Onde a Matéria avança
E a Substância caminha
Aceleradamente para o gozo
Da integração completa,
Uma consciência eternamente obscura!

O ferro continuava a chiar e a rir.
E eu nervoso, irritado,
Quase com febre, a ouvir
Cada átomo de ferro
Contra a incude esmagado
Sofrer, berrar, tinir.

Compreendia por fim que aquele berro
À substância inorgânica arrancado
Era a dor do minério castigado
Na impossibilidade de reagir!

Era um cosmos inteiro sofredor,
Cujo negror profundo
Astro nenhum exorna
Gritando na bigorna
Asperamente a sua própria dor!
Era, erguido do pó,
Inopinadamente
Para que à vida quente
Da sinergia cósmica desperte,
A ansiedade de um mundo
Doente de ser inerte,
Cansado de estar só!

Era a revelação
De tudo que ainda dorme
Do metal bruto ou na geleia informe
No parto primitivo da Criação!
Era o ruído-clarão,
— O ígneo jato vulcânico
Que, atravessando a absconsa cripta enorme
De minha cavernosa subconsciência,
Punha em clarividência
Intramoleculares sóis acesos
Perpetuamente às mesmas formas presos,
Agarrados à inércia do Inorgânico,
Escravos da Coesão!

Repuxavam-me a boca hórridos trismos
E eu sentia, afinal,
Essa angústia alarmante
Própria da alienação raciocinante,
Cheia de ânsias e medos
Com crispações nos dedos
Piores que os paroxismos
Da árvore que a atmosfera ultriz destronca.
A ouvir todo esse cosmos potencial,

Preso aos mineralógicos abismos
Angustiado e arquejante
A debater-se na estreiteza bronca
De um bloco de metal!
Como que a forja tétrica
Num estridor de estrago
Executava, em lúgubre crescendo
A antífona assimétrica
E o incompreensível wagnerismo aziago
De seu destino horrendo!

Ao clangor de tais carmes de martírio
Em cismas negras eu recaio imerso
Buscando no delírio
De uma imaginação convulsionada
Mais revolta talvez de que a onda atlântica
Compreender a semântica
Dessa aleluia bárbara gritada
Às margens glacialíssimas do Nada
Pelas coisas mais brutas do Universo!

Vinícius de Moraes

Luciana Martins Arruda

Luiz Paixão Lima Borges

Vinícius de Moraes (Rio de Janeiro, 1913-1980) tem uma produção poética bastante extensa, que contempla um conjunto formado por dezessete obras: *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935), *Ariana, a mulher* (1936), *Novos poemas* (1938), *Cinco elegias* (1943), *Poemas, sonetos e baladas* (1946), *Pátria minha* (1949), *Antologia poética* (1954), *Livro dos Sonetos* (1957), *Novos poemas II* (1959), *Para viver um grande amor – crônicas e poemas* (1962) e *A arca de Noé – poemas infantis* (1970). Postumamente, foram publicados *Poesia completa e prosa* (1998), *Nova antologia poética* (2008), *Poemas esparsos* (2008), *Poemas, sonetos e baladas/Pátria minha* (2008).

Considerado um poeta que dedicou a quase totalidade de sua obra ao amor, Vinícius de Moraes nos revela – o que para muitos é ainda desconhecida – uma poesia comprometida com as questões sociais e políticas, atribuindo importância ao trabalhador. Tal característica pode também ser verificada em suas peças teatrais, como por exemplo em *As feras*. No poema “O operário em construção” encontramos uma metáfora bíblica para discutir a relação capital/trabalho. Dos outros poemas aqui selecionados, destacamos “Balada do mangue” e “Balada das arquivistas”, que abrem espaço para a voz feminina no ambiente de trabalho.

Balada das arquivistas

Oh, jovens anjos cativos
Que as asas vos machucais
Nos armários dos arquivos!
Delicadas funcionárias
Designadas por padrões
Prisioneiras honorárias
Da mais fria das prisões
É triste ver-vos, suaves
Entre monstros impassíveis
Trancadas a sete chaves:
Oh, puras e imarcescíveis!
Dizer que vós, bem-amadas
Conservai-vos impolutas
Mesmo fazendo a juntada
De processos e minutas!
Não se amargam vossas bocas
De índices e prefixos
Nem lembram os olhos das loucas
Vossos doces olhos fixos.
Curvai-vos para colossos
Hollerith, de aço hostil
Como se fora ante moços
Numa pavana gentil.
Antes não classificásseis
Os maços pelos assuntos
Criando a luta de classes
Num mundo de anseios juntos!
Enfermeiras de ambições
Conheceis, mudas, a nu
O lixo das promoções
E das exonerações
A bem do serviço público.
Ó Florences Nightingale
De arquivos horizontais:
Com que zelo alimentais
Esses eunucos leais
Que se abrem com chave *yale!*
Vossa linda juventude

[cont.]

[cont.]

Clama de vós, bem-amadas!
No entanto, viveis cercadas
De coisas padronizadas
Sem sexo e sem saúde...
Ah, ver-vos em primavera
Sobre papéis de ocasião
Na melancólica espera
De uma eterna certidão!
Ah, saber que em vós existe
O amor, a ternura, a prece
E saber que isso fenece
Num arquivo feio e triste!
Deixai-me carpir, crianças
A vossa imensa desdita
Prendestes as esperanças
Numa gaiola maldita.
Do fundo do meu silêncio
Eu vos incito a lutardes
Contra o Prefixo que vence
Os anjos acorrentados
E ir passear pelas tardes
De braço com os namorados.

Balada do mangue

Pobres flores gonocócicas
Que à noite despetalais
As vossas pétalas tóxicas!
Pobres de vós, pensas, murchas
Orquídeas do despudor
Não sois Loelia tenebrosa
Nem sois Vanda tricolor:
Sois frágeis, desmilinguidas
Dálias cortadas ao pé
Corolas descoloridas
Enclausuradas sem fé.
Ah, jovens putas das tardes
O que vos aconteceu

[cont.]

Para assim envenenardes
O pólen que Deus vos deu?
No entanto, crispais sorrisos
Em vossas jaulas acesas
Mostrando o rubro das presas
Falando coisas do amor
E às vezes cantais uivando
Como cadelas à lua
Que em vossa rua sem nome
Rola perdida no céu...
Mas que brilho mau de estrela
Em vossos olhos lilases
Percebo quando, falazes
Fazeis rapazes entrar!
Sinto então nos vossos sexos
Formarem-se imediatos
Os venenos putrefatos
Com que os envenenar
Ó misericordiosas!
Glabras, glúteas cafetinas
Embebidas em jasmim
Jogando cantos felizes
Em perspectivas sem fim
Cantais, maternais hienas
Canções de cafetizar
Gordas polacas serenas
Sempre prestes a chorar.
Como sofreis, que silêncio
Não deve gritar em vós
Esse imenso, atroz silêncio
Dos santos e dos heróis!
E o contraponto de vozes
Com que ampliais o mistério
Como é semelhante às luzes
Votivas de um cemitério
Esculpido de memórias!
Pobres, trágicas mulheres
Multidimensionais
Ponto morto de choferes

[cont.]

[cont.]

Passadiço de navais!
Louras mulatas francesas
Vestidas de carnaval:
Viveis a festa das flores
Pelo convés dessas ruas
Ancoradas no canal?
Para onde irão vossos cantos
Para onde irá vossa nau?
Por que vos deixais imóveis
Alérgicas sensitivas
Nos jardins desse hospital
Etílico e heliotrópico?
Por que não vos trucidais
Ó inimigas? ou bem
Não ateais fogo às vestes
E vos lançais como tochas
Contra esses homens de nada
Nessa terra de ninguém!

Mensagem à poesia

Não posso
Não é possível
Digam-lhe que é totalmente impossível
Agora não pode ser
É impossível
Não posso.
Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao seu
encontro.
Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar
Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo.
Contem-lhe que há uma criança chorando em alguma parte do
mundo
E as mulheres estão ficando loucas, e há legiões delas carpindo
A saudade de seus homens; contem-lhe que há um vácuo
Nos olhos dos párias, e sua magreza é extrema; contem-lhe
Que a vergonha, a desonra, o suicídio rondam os lares, e é preciso
reconquistar a vida.

[cont.]

[cont.]

Façam-lhe ver que é preciso eu estar alerta, voltado para todos os
caminhos

Pronto a socorrer, a amar, a mentir, a morrer se for preciso.
Ponderem-lhe, com cuidado – não a magoem... – que se não vou
Não é porque não queira: ela sabe; é porque há um herói num cárcere
Há um lavrador que foi agredido, há um poça de sangue numa praça.
Contem-lhe, bem em segredo, que eu devo estar prestes, que meus
Ombros não se devem curvar, que meus olhos não se devem
Deixar intimidar, que eu levo nas costas a desgraça dos homens
E não é o momento de parar agora; digam-lhe, no entanto
Que sofro muito, mas não posso mostrar meu sofrimento
Aos homens perplexos; digam-lhe que me foi dada
A terrível participação, e que possivelmente
Deverei enganar, fingir, falar com palavras alheias
Porque sei que há, longínqua, a claridade de uma aurora.
Se ela não compreender, oh procurem convencê-la
Desse invencível dever que é o meu; mas digam-lhe
Que, no fundo, tudo o que estou dando é dela, e que me
Dói ter de despojá-la assim, neste poema; que por outro lado
Não devo usá-la em seu mistério: a hora é de esclarecimento
Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado
Há fome e mentira; e um pranto de criança sozinha numa estrada
Junto a um cadáver de mãe; digam-lhe que há
Um naufrago no meio do oceano, um tirano no poder, um homem
Arrependido; digam-lhe que há uma casa vazia
Com um relógio batendo horas; digam-lhe que há um grande
Aumento de abismos na terra, há súplicas, há vociferações
Há fantasmas que me visitam de noite
E que me cumpre receber; contem a ela da minha certeza
No amanhã
Que sinto um sorriso no rosto invisível da noite
Vivo em tensão ante a expectativa do milagre; por isso
Peçam-lhe que tenha paciência, que não me chame agora
Com a sua voz de sombra; que não me faça sentir covarde
De ter de abandoná-la neste instante, em sua imensurável
Solidão; peçam-lhe, oh peçam-lhe que se cale
Por um momento, que não me chame
Porque não posso ir
Não posso ir
Não posso.

Mas não a traí. Em meu coração
Vive a sua imagem pertencida, e nada direi que possa
Envergonhá-la. A minha ausência.
É também um sortilégio
Do seu amor por mim. Vivo do desejo de revê-la
Num mundo em paz. Minha paixão de homem
Resta comigo; minha solidão resta comigo; minha
Loucura resta comigo. Talvez eu deva
Morrer sem vê-la mais, sem sentir mais
O gosto de suas lágrimas, olhá-la correr
Livre e nua nas praias e nos céus
E nas ruas da minha insônia. Digam-lhe que é esse
O meu martírio; que às vezes
Pesa-me sobre a cabeça o tampo da eternidade e as poderosas
Forças da tragédia abatem-se sobre mim, e me impelem para a treva
Mas que eu devo resistir, que é preciso...
Mas que a amo com toda a pureza da minha passada adolescência
Com toda a violência das antigas horas de contemplação extática
Num amor cheio de renúncia. Oh, peçam a ela
Que me perdoe, ao seu triste e inconstante amigo
A quem foi dado se perder de amor pelo seu semelhante
A quem foi dado se perder de amor por uma pequena casa
Por um jardim de frente, por uma menininha de vermelho
A quem foi dado se perder de amor pelo direito
De todos terem um pequena casa, um jardim de frente
E uma menininha de vermelho; e se perdendo
Ser-lhe doce perder-se...
Por isso convençam a ela, expliquem-lhe que é terrível
Peçam-lhe de joelhos que não me esqueça, que me ame
Que me espere, porque sou seu, apenas seu; mas que agora
É mais forte do que eu, não posso ir
Não é possível
Me é totalmente impossível
Não pode ser não
É impossível
Não posso.

O operário em construção

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:

— Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

E Jesus, respondendo, disse-lhe:

— Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.

(Lucas, cap. V, vs. 5-8.)

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente

[cont.]

[cont.]

Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– Garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado

[cont.]

[cont.]

Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
– Exercer a profissão –
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia *sim*
Começou a dizer *não*.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte

[cont.]

[cont.]

Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
– “Convençam-no” do contrário –
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vários.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
— Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos

[cont.]

[cont.]

Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

— Loucura! – gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
— Mentira! – disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

Referências

AGUIAR, Flávio. *Com palmas medida* – terra, trabalho e conflito na literatura brasileira. São Paulo: Boitempo e Fundação Perseu Abramo, 1999.

ALVES, Antônio Frederico de Castro. O navio negreiro. Versão da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000074.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

ALVES, Antônio Frederico de Castro. *Os escravos*. Versão do Jornal da Poesia. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000009.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

ANJOS, Augusto dos. Numa forja. In: _____. *Eu e outras poesias*. Versão da Biblioteca virtual do estudante brasileiro. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv.00054a.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2010.

ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Organização, fixação do texto e notas: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Americanas*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps03.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Ocidentais*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps05.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Poesias dispersas*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps07.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BENEDITO, Mouzar. *Luiz Gama: o libertador de escravos e sua mãe libertária*, Luíza Mahin. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BERND, Zilá. *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: AGE, 1992.

BILAC, Olavo. *Alma inquieta*. Versão da Biblioteca virtual do estudante brasileiro/USP. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000285.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2010.

BILAC, Olavo. Profissão de fé. Versão da Biblioteca virtual de literatura. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000179.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

BILAC, Olavo. *Tarde*. Versão da Biblioteca virtual do estudante brasileiro/USP. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000288.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHEDIAK, Antônio José. *Castro Alves* – Tragédia no mar (O navio negreiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* [antologia]. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

GAMA, Luiz Gonzaga Pinto da. *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. Versão da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000101.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2010.

GAMA, Luiz Gonzaga Pinto da. *Trovas burlescas & escritos em prosa*. Texto organizado por Fernando Góes. São Paulo: Edições Cultura, s/d. (Últimas gerações)

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas chilenas*. Versão da Biblioteca virtual do estudante brasileiro/USP. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000300.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Versão da Biblioteca virtual do estudante brasileiro/USP. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000301.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*. Edição crítica anotada e introduzida por Manuel Rodrigues Lapa. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1942.

JATOBÁ, Roniwalter. *Trabalhadores do Brasil*: histórias do povo brasileiro. São Paulo: Geração, 1998.

JAKOBSON, Roman. A linguística em suas relações com outras ciências. Tradução de J. Guinsburg. In: _____. *Linguística, poética, cinema* – Roman Jakobson no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970.

MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista: a cidade e seus pícaros* – andanças de uma viola de cabaça. Versão da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000227.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista: O burgo*. Versão da Universidade da Amazônia. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00120a.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português* – confrontando regras e usos. 2. reimp. São Paulo: UNESP, 2003.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PERINI, Mário Alberto. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 1985.

PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

RAMOS, Pericles Eugênio da Silva (Org.). *Machado de Assis: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1964. v. 82. (Coleção Nossos clássicos).

REIS, Maria Firmina dos. *Cantos à beira mar*. São Luís do Maranhão: Typografia do Paiz, 1871. p. 33-35.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Guia de uso do português* – confrontando regras e usos. Prefácio de Maria Helena de Moura Neves. 2. reimp. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, Júlio Romão da. *Luís Gama e suas poesias satíricas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1981.

SILVEIRA, Tasso da (Org.). *Cruz e Sousa* – Poesia. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1972.

SOUZA, João da Cruz e. *O livro derradeiro*. Versão da Biblioteca virtual do estudante brasileiro/USP. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000075.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Letras. Literatura Afro-Brasileira.

Maria Firmina dos reis. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafrro>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

UOL EDUCAÇÃO. *Biografias* – Antônio de Castro Alves. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u199.jhtm>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

VARELA, Fagundes. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

VARELA, Fagundes. *Poesias completas de L. N. Fagundes Varela*. Organização e apuração de texto de Miécio Táci e E. Carrera Guerra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. v. I e II.

Textos-fonte

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. I, II e III.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Organização de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor).

GONZAGA, Tomás Antonio. *Marília de Dirceu*. São Paulo: Ediouro (Prestígio), 1812.

MATOS, Gregório de. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SOUSA, João da Cruz e. *Poesia completa*. Organização de Zahidé Muzart. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993.

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários

Diante da Lei

uma experiência em Teoria da Literatura

Nabil Araújo (Org.)

Literatura brasileira e crime

Vera Casa Nova (Org.)

Poesia brasileira, época barroca

v. 1 e 2

José Américo Miranda (Org.)

Poesia brasileira, época neoclássica

José Américo Miranda (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Este livro é resultado de pesquisa realizada por estudantes de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG orientados pelos professores Antônio Augusto Moreira de Faria e Rosalvo Gonçalves Pinto. Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.